



Marx e o cardápio da taberna do futuro: sobre os caminhos para uma revolução russa no século XIX

Marx and the meal plans of the tavern of the future:
on the paths to a Russian revolution in the 19th century

Gabriella M. Segantini Souza*

Resumo: a questão russa na obra de Marx nos oferece importantes materiais para as discussões sobre as diferentes vias de entificação do capitalismo e sobre os rumos da história na obra do autor. No presente trabalho, o propósito é analisar alguns escritos do autor renano sobre a Rússia, com destaque para a correspondência com a revolucionária russa Vera Zaslitch, a fim de compreender a perspectiva do autor sobre a possibilidade de uma revolução na Rússia no século XIX.

Palavras-chave: Rússia; comuna agrária russa; regeneração social; narodniks; marxistas russos; Vera Zaslitch.

Abstract: the russian issue in Marx's work offer important materials to the discussion on the different ways of capitalist entification and the courses of history in the author's work. In the present work, the aim is to analyse the writing of the rhenish author — with emphasis on the correpondence with the russian revolutionary Vera Zaslitch — in order to understand Marx's perspective on the possibility of revolution in 19th century Russia.

Keywords: Russia; russian agrarian commune; social regeneration; narodniks; russian marxists; Vera Zaslitch.

Introdução

Em seu autoexílio na Suíça, a revolucionária russa Vera Ivanovna Zaslitch buscava solucionar a questão que dividia seus compatriotas revolucionários, uma questão que Zaslitch asseverou ser “*de vida ou morte*” para o partido socialista na Rússia (ZASULICH In. SHANIN, 2017, p. 146). A disputa entre os socialistas russos será analisada de forma pormenorizada na devida oportunidade, bem como seus principais atores, mas por enquanto basta esclarecer que o “cisma” entre os revolucionários russos tinha como cerne o futuro da comuna agrária russa e seu potencial revolucionário. Um dos lados da disputa, os autointitulados “marxistas russos”, preconizavam que a comuna agrária era uma forma arcaica de produção e que estaria “condenada a desaparecer pela história” (ZASULICH In. SHANIN, 2017, p. 147),

* Graduada em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabriella.segantini.souza@gmail.com

fundamentando sua posição no que acreditavam que Marx concluiria sobre a comuna agrária russa. Assim, o mais lógico para resolver a contenda do que solicitar que aquele a quem recorriam para dar o veredicto sobre o futuro da comuna agrária desse seu posicionamento de uma vez por todas.

Em virtude disso, em 16 de fevereiro de 1881 Vera escreveu sua carta a Marx, na qual conta ao autor como ele provavelmente sequer imaginava o quanto sua obra era importante na Rússia, ressaltando como seu *O Capital* havia adquirido na Rússia grande relevância, sendo que as poucas cópias que não foram confiscadas pelas autoridades russas eram “lidas e relidas pela massa de pessoas mais ou menos instruídas” (ZASULICH In. SHANIN, 2017, p. 147). Zasluch explica ainda como a crítica à economia política de Marx havia ganhado particular interesse entre os russos principalmente “nas discussões sobre a questão agrária na Rússia e nossa comuna rural” (ZASULICH In. SHANIN, 2017, p. 147), e que por isso havia se proposto a escrever ao autor renano, esperando que sua resposta pudesse solucionar a discussão de uma vez por todas.

Quando Marx recebeu a carta de Vera Zasluch, o autor começou logo a tentar elaborar a resposta solicitada por Vera, dedicando-se por cerca de três semanas para confeccionar um texto definitivo a ser enviado. Nesse processo, Marx elaborou três esboços e a resposta enviada, sendo os rascunhos em si consideravelmente mais longos e complexos que a carta enviada a Vera.

Além do evidente interesse historiográfico e biográfico que possui essa correspondência entre Marx e Zasluch, a importância dessas cartas (sobretudo dos rascunhos de Marx) não para aí. Esses escritos não só nos permitem um acesso a “‘cozinha’ do pensamento de Marx” (SHANIN, 2017, p. 42), mas ao tratarem da questão agrária russa, também temos levantada uma das mais relevantes discussões no contexto do marxismo, a da possibilidade da revolução em países que experimentaram um desenvolvimento econômico distinto da via clássica¹. Como será demonstrado mais à frente, o cerne da disputa entre os socialistas russos na época era justamente acerca da possibilidade de revolução socialista na Rússia agrária, sendo

¹ Tratamos por via clássica do desenvolvimento capitalista aquela experimentada sobretudo pela Inglaterra. Como Marx esclarece no prefácio da Primeira edição de *O Capital*, é na Inglaterra que vemos o “modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação” (Marx, 2017, p. 78) em sua “localização clássica” (Marx, 2017, p. 78), razão pela qual o autor se dela serve como ilustração para a exposição teórica de *O Capital*.

que o lado que defendia que a revolução comunista seria possível apenas em sociedades de economia capitalista clássica [“madura”], como a Inglaterra, defendiam seu ponto a partir do que acreditavam que Marx havia escrito em *O Capital*. Assim, ao escrever a Marx, Zasluch buscava a resposta sobre essa questão, isto é, se Marx defendia de fato que a revolução só seria possível onde já havia se passado pelos processos que engendram o capitalismo, ou se havia outras vias possíveis.

Trata-se de ponto bastante controversa nos debates marxistas, dado que a questão da possibilidade de uma revolução socialista em um país como a Rússia, onde no final do século XIX ainda conviviam o modo de produção asiático e o modo de produção comunal, *parecendo* contradizer o que vemos em *O Capital*. Isso porque no vigésimo quarto capítulo do primeiro livro de *O Capital*, que trata da assim chamada acumulação originária, vemos que, para se colocar sobre seus próprios pés, o modo de produção capitalista pressupõe a separação dos produtores e os meios e condições de produção, de modo que o camponês antes ligado à terra se torne trabalhador assalariado e as pequenas propriedades rurais deem lugar à propriedade privada². Por conseguinte, a ideia de uma revolução socialista em um país que não havia passado por esse processo pareceria materialmente impossível, dado que o comunismo nasce do ventre do capitalismo. Como seria então possível uma sociedade agrária comunal ser suplantada por uma revolução comunista se sequer capitalista ela é, mas sim um país agrícola?

Para discutir esse aspecto na teoria marxiana, serão tocados importantes debates na teoria marxista, como a crítica à linearidade da história, a importância da questão da particularidade nacional e à crítica ao que nos referiremos por etapismo, os quais cabem ser analisados mais a fundo mais a seguir. Mas o que nesse momento importa ressaltar é que para os que veem na obra marxiana uma filosofia da história, transformando-a em uma teoria histórico-filosófica, ou seja, que vêm ali uma noção de progresso linear e necessário, de fato não seria possível uma revolução socialista na Rússia agrária comunal³. Essa posição (ou “leitura”, poderíamos dizer) aparece já durante a vida de Marx, como vemos no caso de seus seguidores russos, mas ela se

² Trataremos dos diferentes tipos de propriedade da terra que havia na Europa Ocidental quando da assim chamada acumulação originária e na Rússia no século XIX mais a frente

³ Sobre isso, cf. SARTORI, V. Marx diante da revolução social na Rússia do século XIX. Verinotio, v. 23, n. 1, abril de 2017. pp. 126-153; e MACHADO, G. Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx. Verinotio, v. 23, n. 1, abril de 2017, pp. 247-267.

fortalece sobretudo após a morte do autor em 1883. O evolucionismo se tornou um forte traço do marxismo no final do século XIX e no século XX, principalmente no bojo da II Internacional Comunista, em que a noção de que a história humana para Marx era basicamente uma sucessão de etapas necessárias aparece de forma proeminente. Aparece também no marxismo (stalinismo) da União Soviética, em que as discussões sobre a especificidade nacional são sufocadas pelo pensamento stalinista⁴.

Contudo, não está presente essa interpretação apenas dentre certos marxistas, mas também dentre os críticos de Marx, principalmente no século XX. Grosso modo, podemos dizer que uma das principais críticas feitas ao autor renano seria de que considerava a via de desenvolvimento europeia como parâmetro do desenvolvimento humano como um todo, fazendo de Marx um evolucionista, além de eurocêntrico. Como exemplo dessas críticas, podemos citar o conhecido livro de Edward Said, *Orientalism*, publicado em 1978, bem como os trabalhos de autores do chamado pensamento decolonial, como Walter Mignolo e Ramón Grosfoguel.⁵

Por outro lado, uma leitura mais cuidadosa e completa da obra de Karl Marx nos mostra uma pintura bastante diferente do que tanto os detratores quanto seus supostos seguidores esboçaram. Naquilo que o autor nos deixou de escrito, com destaque aos escritos de sua maturidade intelectual, como os próprios rascunhos de resposta à carta de Zasulich (que serão nosso principal objeto, embora não sejam os únicos textos pertinentes), essa aparente contradição se dissolve, revelando um complexo teórico muito mais refinado do que a interpretação que lhe foi dada por muito tempo sugere.

Nesse sentido, partindo da análise da carta enviada por Karl Marx em resposta à questão de Vera Zasulich, esse trabalho busca investigar a questão do desenvolvimento histórico na obra marxiana a fim de demonstrar a incompatibilidade entre o tecido compositivo do pensamento marxiano e a posição que encontra em o

⁴ Sobre isso, cf. SAWER, Marian. *Marxism and the Question of the Asiatic Mode of Production*. Hague: Martinus Nijhoff, 1977; CLAUDÍN, Fernando. *A crise o movimento comunista*. Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2013; DEUTSCHER, Isaac. *Stálin: uma biografia política*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁵ Sobre isso, cf. SAID, Edward. *Orientalism*. Nova York: Vintage Books, 1979. GROSFUGUEL, Ramón. *Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas*. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramón, *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, pp. 63–78; MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial)*. In.: *Revista Crítica y Emancipación*, n. 02, 2009, pp. 251–276.

O Capital um esquema do movimento inevitável do desenvolvimento humano, sem considerações quanto à especificidade geográfica e histórica. Assim, buscaremos contrapor as ‘leituras’ que transformam Marx em um etapista histórico e aquilo que o autor nos deixou de escrito sobre a Rússia, sobretudo nos esboços de resposta à carta de Zasulich, pois nesse escrito sobre uma sociedade de desenvolvimento atípico encontramos diversas considerações sobre a especificidade do contexto russo e a importância de as considerar ao estudarmos a Rússia.

No presente artigo, intenciona-se fazer uso do que ficou conhecido por “análise imanente ou estrutural” (CHASIN, 2009, p. 25), a qual se trata da busca pela apreensão do sentido mesmo do texto, independentemente das preferências do intérprete, rejeitando, portanto, premissas impostas de antemão pelo leitor para dar primazia ao texto-objeto. Sobre a leitura/análise imanente, esclarece o autor que

Tal análise, no melhor da tradição reflexiva, encara o texto — a formação ideal — em sua consistência autossignificativa, aí compreendida toda a grade de vetores que o conformam, tanto positivos como negativos: o conjunto de suas afirmações, conexões e suficiências, como as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam. Configuração esta que em si é autônoma em relação aos modos pelos quais é encarada, de frente ou por vieses (CHASIN, 2009, pp. 25-26).

Assim, propõe-se, pois, a uma leitura [imanente] dos textos, ou seja, investigá-los em suas próprias determinações, deles extraindo seu sentido próprio na tarefa de investigação do objeto de pesquisa aqui proposto. Isto é, busca-se “apreender o texto na forma própria à objetividade de seu discurso enquanto discurso, ou seja, na efetividade de uma entificação peculiar” (CHASIN, 2009, p. 25), não pelo que dele foi dito por outros intérpretes, dado que “independe para ser discurso [...] dos olhares, mais ou menos destes, pelos quais os analistas se aproximam dele e o abordam” (CHASIN, 2009, p. 25).

Marx e a Rússia antes de 1870: a questão da emancipação dos servos e movimentações internas na Rússia

No que concernia o tratamento da Rússia, na década de 1840 e no começo da década de 1850, o principal foco de Marx (e também de Engels) parecia ser principalmente o governo czarista, o qual era especial objeto de fortes críticas do autor sobretudo em razão de seu papel na reação europeia aos movimentos da década de 1840. Em 1848/1849, a Rússia e sua autocracia aparentemente estável e resistente haviam restado imune aos fogos revolucionários que correram pela Europa Ocidental

(MARX, 2010c, p. 259), tendo em 1849 avançado com suas forças armadas contra essas revoluções (HOBSBAWM, 1982, p. 176), razão pelas quais a Rússia era naquele momento um espectro da velha sociedade europeia, espreitando ameaçadoramente contra as revoluções no Ocidente. A Rússia era o centro da contrarrevolução em 1848/49, a alma da “aliança dos senhores ‘pela graça de Deus e do chicote’” (MARX, 2020, p. 359). Como Marx (2010, p. 454) escreveu na última edição da *Nova Gazeta Renana*, em 18 de Maio de 1849, o exército russo coalizionava e representava a aliança da velha Europa, que se opunha às forças da nova Europa revolucionária.⁶ A Rússia era, portanto, um enorme empeco no caminho da revolução europeia naquele momento, na medida que “constituía a última grande reserva da reação europeia” (MARX & ENGELS, 2005, p. 72).

Nos anos 1850, nos artigos jornalísticos que Marx escreveu para o *New York Daily Tribune* sobre a Guerra da Crimeia também transpareciam as fortes críticas do autor à Rússia. Por exemplo, em um artigo sobre a Guerra da Crimeia escrito para o *New York Daily Tribune* em 29 de julho de 1853, Marx se posiciona favoravelmente pela Turquia contra a expansão russa, referindo-se à Rússia como “a demoníaca Roma do Leste” (MARX, 2010c, p. 231), bem como uma bárbara autocracia que representava o cajado do conservadorismo na Europa. Marx aponta ainda que, embora França e Inglaterra aparecessem como aliadas da Turquia contra a Rússia, o verdadeiro inimigo da Rússia não eram os países europeus, mas sim a Revolução, pois enquanto a “iluminada” aristocracia e burguesia inglesas prostravam-se diante da Rússia e a rainha da Inglaterra oferecia banquetes para princesas russas, era o proletariado quem se revoltava diante dessa degradação e impotência das classes dominantes, colocando-se firmemente contra as pretensões russas e contra a complacência inglesa com a Rússia.

Em função do foco nas relações externas da Rússia nesses textos, neles não aparecem muitos comentários de Marx sobre as relações internas russas, com exceção de comentários sobre a natureza autocrática de seu Estado e a natureza retrógrada de sua produção (MARX, 2010b, p. 486). Isso de certa forma muda aproximadamente em

⁶ “Como despedida, recordamos a nossos leitores as palavras de nosso primeiro número de janeiro: “insurreição revolucionária da classe trabalhadora francesa, guerra mundial – eis o sentido do ano de 1849”. E no oriente um exército revolucionário composto de combatentes de todas as nacionalidades já enfrenta a velha Europa representada e coalizionada no exército russo, de Paris já ameaça a “república vermelha!”” (MARX, 2020, p. 557)

1858, com três peças jornalísticas sobre os planos para a abolição da servidão pelo Czar Alexandre II, escritas por Marx em 1848, oportunidade na qual o autor analisou mais diretamente as tensões internas que marcavam a Rússia naquele momento.

Em 1º outubro de 1858, Marx escreveu um artigo intitulado *The question of the abolition of serfdom in Russia*⁷, o qual foi publicado no dia 19 de outubro daquele ano no *New York Daily Tribune*. Nesse texto, Marx analisa as movimentações por parte do czar Alexandre II no sentido de levar a cabo a abolição na servidão na Rússia, com destaque para o contexto em que se dava a discussão da emancipação dos servos, bem como que a havia provocado. Antes do filho ressuscitar a emancipação dos servos, o pai de Alexandre II, Nicolau I (assim como seu antecessor, Alexandre I), já havia ventilado a ideia da emancipação, tendo tentado colocar em efeito uma transformação pacífica da situação dos servos na Rússia (em função de questões do Estado, não por qualquer tipo de “sentimento de humanidade”), mas logo abandonou os planos da abolição da servidão diante das revoluções de 1848-1849, ali tendo se tornando um “ansioso adepto do conservadorismo” (MARX, 2010e, p. 52). Afinal, como escreveu Marx em 31 de dezembro de 1858, na segunda parte de *The Emancipation Question*, publicada 17 de janeiro de 1859 no *Tribune*, o governo russo possuía o hábito de, desde Alexandre I, “conjurar a *fata morgana* da liberdade” (MARX, 2010e, p. 145) perante os servos⁸. Em 1858, o czar Alexandre II retornou às discussões sobre a emancipação dos servos, mas, assim como seu pai antes dele, fê-lo não por qualquer tipo de “sentimento humanitário”, **sim diante da inquietação crescente dos servos em razão da guerra com os turcos.**

De certa forma, a abolição da servidão na Rússia era uma questão que não podia mais ser ignorada, razão pela qual Alexandre II se viu forçado a dar início ao processo de supressão da servidão. Como Marx escreve, “with Alexander II, it was hardly a question of choice whether or not to awaken the sleeping elements⁹” (MARX, 2010e, p. 52). Marx escreve no *Tribune* que

the peasantry, with exaggerated notions even of what the Czar

⁷ [A questão da abolição da servidão na Rússia] (tradução livre)

⁸ Interessante remarcar como nesse período, a Rússia possuía um modo de produção bastante peculiar, no qual conviviam uma produção de contornos feudais — como vemos nesses textos do *New York Daily Tribune* e da *Nova Gazeta Renana* —, baseada na servidão, uma produção que Marx se refere como asiática, baseada no despotismo asiático (cf. MARX, 2011) e uma produção baseada na propriedade comunal da terra (cf. MARX, 2013)

⁹ [com Alexandre II, dificilmente se tratava de uma questão de escolha acordar ou não os elementos adormecidos]. (Tradução livre)

intended doing for them, have grown impatient at the slow ways of their seigneurs. *The incendiary fires breaking out in several provinces are signals of distress not to be misunderstood.* It is further known that in Great Russia, as well as in the provinces formerly belonging to Poland, riots have taken place, accompanied by terrible scenes, in consequence of which the nobility have emigrated from the country to the towns, where, under the protection of walls and garrisons, they can bid defiance to their incensed slaves.¹⁰ (MARX, 2010e, p. 53) [grifo meu]

No final da década de 1850, a questão dos servos não poderia mais ser postergada, tendo se tornado particularmente polvorosa diante dos levantes camponeses que eclodiam em diversas províncias russas: os camponeses russos estavam cada vez mais impacientes pela abolição da servidão. Os “fogos incendiários” que estouravam por diversas regiões da Rússia pressionavam Alexandre II a olhar com seriedade o velho flerte dos czares com a abolição da servidão — embora as expectativas do campesinato em relação aos planos de abolição não correspondessem exatamente aos modos morosos e reticentes do czar para com a questão.

É bastante evidente nesses textos como a abolição da servidão na Rússia levantava considerável entusiasmo em Marx, pois o autor percebia como o fim da servidão traria inevitavelmente grandes transformações no contexto interno russo. Isso na medida que, como explica o autor renano, “it is impossible to emancipate the oppressed class without injury to the class living upon its oppression, and without simultaneously discomposing the whole superstructure of the State reared on such a dismal social basis¹¹” (MARX, 2010e, p. 52). Isto é, a supressão da servidão provocaria uma considerável transformação no modo de produção russo e decomporia a superestrutura do Estado russo que se fundava nas bases sociais da servidão, bem como inevitavelmente prejudicaria a classe aristocrática que vivia da opressão dos servos, os quais seriam os mais diretamente afetados pelos planos de Alexandre II para a abolição da servidão.

Nota-se, pois, como a questão russa já era de interesse nos escritos de Marx a

¹⁰ [o campesinato, com ideias exageradas até mesmo do que o czar pretendia fazer por eles, tonaram-se impacientes com as maneiras lentas de seus senhores. Os fogos incendiários eclodindo em diversas províncias são sinais de agitação inconfundíveis. É sabido ainda que na Grande Rússia, bem como em províncias que antes pertenciam à Polônia, revoltas têm acontecido, acompanhadas por cenas terríveis, em razão das quais a nobreza emigrou do campo para as cidades, onde, sob a proteção de muros e guarnições, podem oferecer resistência aos seus escravos enfurecidos] (tradução livre)

¹¹[é impossível emancipar a classe oprimida sem ferir a classe que vive dessa opressão e sem simultaneamente decompor a superestrutura do Estado gerada sob uma base social tão sombria] (tradução livre)

partir da década de 1860, pois em diversos textos das décadas de 1840 e 1850 a Rússia aparece com certa frequência, com tratamento de questões tanto afeitas à sua política externa e seu papel de bastião da tradição europeia, quanto às suas tensões internas, com destaque para as discussões afeitas à servidão na Rússia. Contudo, como escreveu em uma carta a Engels em 29 de abril de 1858, “the movement for the emancipation of the serfs in Russia strikes me as important in so far as it indicates the beginning of an internal development that might run counter to the country's traditional foreign policy¹²” (MARX, 2010f, p. 310), em 1858 as transformações internas na Rússia interessavam Marx principalmente pelo impacto delas na tradicional política externa russa, dado que, conforme delineado acima, a intervenção russa havia sido a salvação dos príncipes e da burguesia europeus contra o proletariado que se despertara em 1848-1849 (MARX & ENGELS, 2005, p. 73).

Nesse sentido, podemos inferir desse trecho da correspondência entre Marx e Engels - sempre com o devido cuidado ao tratar de documentos como cartas — que, embora a dissolução da servidão traria o desmoronamento das estruturas de produção — e de exploração — que nela tinham sua base, nesse momento essa transformação nas relações produtivas na Rússia parecia importante mais no que isso poderia representar para as revoluções na Europa Ocidental, isto é, pelos impactos na política internacional russa, não tanto ainda pelo impacto de uma revolução no seio da própria Rússia.

Todavia, isso não significa de forma alguma que Marx ignorava as movimentações dos servos russos e dos impactos desses levantes para o contexto russo. Pelo contrário, como vemos na segunda parte do artigo *The emancipation question*, escrita em 31 de dezembro de 1858, bem como em *The question of the abolition of serfdom in Russia*, escrito em 1º de outubro de 1858. Esses artigos foram escritos em um contexto bastante peculiar na história russa, em que profundas transformações sociais pareciam iminentes na Rússia, como Marx nesses artigos não deixa de notar, como veremos mais a frente. Sobre esse contexto, HOBBSAWM (2012) ilustra bem como

Depois da guerra da Crimeia, uma revolução russa parecia não mais apenas desejável, mas cada vez mais provável. Esta era a maior inovação da década de 1860. O regime que, por mais reacionário e ineficiente que pudesse parecer, tinha aparecido até então como

¹² [o movimento de emancipação dos servos me parece importante na medida em que indica o começo de um desenvolvimento interno que pode ir no sentido contrário da política externa tradicional do país [Rússia]] (tradução livre)

estável e poderoso externamente, imune tanto à revolução continental de 1848 como capaz de fazer marchar seus exércitos contra ela em 1849, revelava-se agora internamente instável e externamente mais fraco do que parecia. Suas maiores fraquezas eram políticas e econômicas, e aí reformas de Alexandre II (1855-81) poderiam ser vistas mais como um sintoma do que remédio para estas fraquezas. Na realidade, como veremos [...], a emancipação dos servos (1861) criara as condições para um campesinato revolucionário, enquanto que as reformas administrativas, jurídicas e outras do czar (1864-70) fracassaram em remover as fraquezas da autocracia czarista, ou mesmo em compensar a aceitação tradicional que agora se encontrava ameaçada. (HOBBSAWM, 2012, p. 176)

Ciente dessas circunstâncias, em *The emancipation question* e em *The question of the abolition of serfdom in Russia*, Marx aponta como a principal razão que forçou Alexandre II a retomar os projetos de abolição da servidão foram as insurreições dos servos, as quais se espalhavam pela Rússia desde 1842 e que haviam se intensificado após a Guerra da Crimeia. Por demais, ao avaliar o conteúdo do plano do Comitê Imperial Central para a emancipação dos servos, Marx indicava também que os planos do czar para a libertação dos servos certamente haveriam de insatisfazer os camponeses russos, sobretudo diante do fato de que o plano de Alexandre II para dar fim à servidão despria a comunidade das vilas de suas faculdades de auto-governo para dar lugar a um sistema de governo patrimonial, introduzindo a figura do *landlord*. Esse plano traria um sistema que seria absolutamente repulsivo para os camponeses russos, para quem era a comunidade a proprietária da terra em que vivia, inexistindo a concepção de propriedade individual da terra.

Assim, Marx considerava que, ao invés de efetivamente pacificar os servos, o plano de abolição da servidão certamente inflamaria ainda mais os camponeses, trazendo novas revoltas. As pressões da história se assomavam sobre o czar: encurralado de um lado pelos nobres e de outro pelos servos, Alexandre II, postula Marx, certamente falharia em cumprir de forma satisfatória com as reformas por ele pretendidas, e os servos – que de um lado possuíam altas expectativas para os planos do czar e consideravam que Alexandre II era seu aliado, de outro estavam convencidos de que a nobreza era quem impedia o imperador de fazer avanços mais significativos – inevitavelmente se revoltariam. Marx percebe, pois, que se estava diante de uma segunda virada na história russa, com potencial para reais e profundas transformações

na tessitura social da Rússia¹³. Dessa forma, ao fim da década de 1850, a Rússia não era mais apenas a “prima conservadora” da Europa Ocidental, uma força impermeável aos fogos revolucionários de 1848. Como aponta Marx nos artigos do Daily Tribune, a Rússia continha em si um potencial para profundas transformações na Rússia, tratando-se da força transformadora das rebeliões dos camponeses e das pressões que elas provocavam sobre a aristocracia russa.

Importante ressaltar, contudo, que embora nesse momento Marx considerava ainda que fosse iminente uma guerra dos servos na Rússia¹⁴ — e, portanto, que era iminente uma profunda transformação na tessitura social russa —, não aparece ainda a possibilidade efetiva de se levar a cabo uma revolução na Rússia partindo da propriedade comunal da terra, tampouco de uma revolução iniciada *na própria Rússia*. Como vemos em uma carta que Marx escreveu a Engels em dezembro de 1859, Marx escreve que o movimento revolucionário na Rússia progredia como em nenhum outro país europeu e que, com a vinda da próxima revolução, diferentemente do que ocorreu em 1848, a Rússia se juntaria à ela. Ressalte-se, portanto, que a revolução não partiria da Rússia, mas ela dessa vez não resistiria a ela — diferente de como a questão aparece no prefácio à edição russa de *O Capital*, em que Marx e Engels escrevem que uma revolução na Rússia seria um sinal para a revolução proletária no Ocidente (MARX & ENGELS, 2013, p. 103).

Marx e seus estudos russos: 1860-1880

Desde outubro de 1869 Marx se dedicava avidamente ao estudo da questão agrária russa, incentivado por Nikolai Danielson, que lhe havia presenteado uma cópia de *A situação da classe operária na Rússia*, de V. V. Bervi-Flerovsky. Para que pudesse ler o livro de Flerovsky em sua língua original, Marx se dedica a aprender a língua russa, o que faz em alguns meses (WADA, 2017, p. 81). Com isso, Marx passa a estudar

¹³ Isto é “and finally place real and general civilization in the place of that sham and show introduced by Peter the Great”. (MARX, 2010e, p. 178) [“E finalmente instituir uma civilização real e geral no lugar da farsa e espetáculo introduzidos por Pedro, O Grande”] (tradução livre), ou seja, finalmente poderiam ocorrer transformações reais na Rússia, ao invés das reformas de Pedro, o Grande, que Marx afirma não terem sido nada mais que uma farsa e um espetáculo

¹⁴ Sobre esse período, Marx escreve que “the symptoms of a servile war are so visible in the interior of Russia, that the Provincial Governors feel themselves unable otherwise to account for the unwonted fermentation than by charging Austria with propagating through secret emissaries Socialist and revolutionary doctrines all over the land” (MARX, 2010d, p. 568) [“Os sintomas de uma guerra servil são tão visíveis no interior da Rússia, que os Governadores Provinciais se sentem incapazes de explicar a fermentação extraordinária senão culpando a Austria de propagar emissários socialistas secretos e doutrinas revolucionárias por todo o campo.”]

a comuna agrária russa a partir de textos de autores russos em sua língua original, como, além de Bervi-Flerovsky, Tchernichevski – autor extremamente importante para a tradição revolucionária russa (SILJAK, 2013) –, Skaldin, A. I. Koshelev, A. N. Engel’gardt, A. I. Vasil’chakov, P. A. Sokolovsy, N. O. Kostomarov e Maksim Kovalevsky — amigo pessoal de Marx — (WADA In. SHANIN, 2017), bem como diversos outros autores russos cujos artigos e livros Danielson lhe enviava, como se lê nas correspondências entre Marx e Danielson (MARX, DANIELSON & ENGELS, 1981, pp. 85-86). Assim, partindo desses extensos estudos acerca da situação russa e da questão agrária – com destaque para N. Tchernichevski, autor populista por quem Marx possuía grande admiração, conforme vemos no Posfácio à Segunda Edição de *O Capital* (MARX, 2017, p. 86) – que o autor da crítica à economia política constrói o posicionamento acerca da comuna agrária russa que exporemos em seguida, sendo marcante a influência de autores populistas (ou narodniks) em sua argumentação, como ainda será tratado aqui.

Antes de partirmos à análise das cartas de Vera Zasulich e Marx propriamente ditas, parece-nos importante ressaltar como o que Marx escreve em 1881 sobre a Rússia não é sinal de uma virada no pensamento do autor, mas sim o resultado de anos de estudo acerca da questão agrária na Rússia e dos movimentos que se colocavam na sociedade russa. Ao contrário do que postula Michel Löwy¹⁵, os escritos sobre a Rússia principalmente da década de 1880 não se colocam como uma ruptura em relação ao que havia escrito antes por Marx, mas sim inseridos no mesmo esforço teórico, qual seja, a crítica à economia política. Como bem coloca MUNETTI (2018), esses textos não revelariam, por fim, uma

‘virada’ metodológica, política e estratégica” na trajetória intelectual dos dois autores, mas a radicalidade da crítica ontológica desenvolvida por Marx desde 1843, quando rompeu com a concepção hegeliana de ser para constituir um novo patamar de

¹⁵ Conforme adiantado acima, Michael Löwy afirma haver uma “‘virada metodológica’, política e estratégica” (LÖWY In. MARX & ENGELS, 2013, p. 8) a partir dos estudos principalmente de Marx sobre a Rússia. Defende o autor que há uma ruptura com interpretações unilineares, etapistas, eurocêntricas do materialismo histórico que outrora deixaram suas marcas na obra marxiana; ele defende que “o conjunto de escritos sobre a Rússia nos anos 1877-1894 sugere uma hipótese que rompe com o economicismo, o eurocentrismo e o progressista” evolucionista: as revoluções sociais poderiam começar não nos países mais industrializados, nas grandes metrópoles capitalistas – onde supostamente as condições estariam maduras” (como se a história fosse uma laranja) –, mas na periferia do sistema capitalista, nos países atrasados” – “semifeudais”, coloniais e semicoloniais”, ou subdesenvolvidos”, segundo uma terminologia do século XX. Esta hipótese sim é que se realizou no curso do século XX, desde a Revolução Russa de 1917 até a Cubana de 1959-1961.” (LÖWY In. MARX & ENGELS, 2013, p. 14)

racionalidade, que redirecionava a crítica filosófica para a apreensão do objeto “em seu significado específico”, rejeitando todo procedimento que dissolva a heterogeneidade dos processos históricos a partir da subsunção destes a uma lógica autônoma (MUSSETTI, 2018, p. 219)

Isso quer dizer que os estudos de Marx acerca de sociedades não capitalistas (sociedades nas periferias do capitalismo, nos termos de SHANIN (2017), ou às margens do capitalismo (ANDERSON, 2019)) nas décadas de 1870 e 1880 não são desvios em relação ao trabalho desenvolvido anteriormente, mas sim uma consequência da natureza da teoria marxiana, como será evidenciado a frente. Diferentemente do proposto por Löwy (LÖWY In. MARX & ENGELS, 2013), os estudos dessas sociedades têm direta continuidade com a teoria marxiana de antes do 1880-1870 (bem como descontinuidades, como é natural do desenvolvimento intelectual do autor), constituindo parte integrante dos esforços de Marx para empreender sua crítica à economia política, sempre tendo em vista o objeto de investigação em suas determinações concretas e específicas.

Como bem coloca MUSTO (2018), Marx nas décadas de 1870 e 1880 não só deu continuidade às pesquisas que vinha conduzindo desde a década de 1840 – contrariando autores como David Riazanov, que supunham que na década de 1880 a saúde fragilizada de Marx havia desacelerado o ímpeto intelectual do autor (MUSTO, 2018, p. 30) –, mas, ambicionado por finalizar o segundo volume de *O Capital*, também se estende a novos campos, com intuito de ampliar seu conhecimento sobre os períodos históricos, as áreas geográficas e as temáticas que considerava essenciais para a crítica à economia política, sobretudo no que concerne à acumulação¹⁶ de capital no âmbito da produção global capitalista. Tais estudos permitem, inclusive, avanços na área. Portanto, os estudos russos empreendidos de 1867 a 1881 por Marx não foram impulsionados por simples curiosidade intelectual, mas sim com uma intenção rigorosamente teórico-política. Dessa forma, tratar os estudos do velho Marx como uma virada em relação aos estudos anteriores é desconsiderar a natureza da própria teoria marxiana, que não se propõe como um sistema fechado em si, hermético a mudanças e desenvolvimentos e que é sempre propulsionada pela radicalidade do pensamento do autor e pela busca da apreensão

¹⁶ Que aqui não pode ser confundida com a assim chamada acumulação originária, que se refere a um processo distinto

dos objetos em suas determinações próprias.¹⁷

A disputa entre narodniks e os chamados marxistas russos

Antes de tudo, são necessárias duas advertências. Como coloca SHANIN (2018, p. 33), o uso dos rótulos “marxistas russos” e “populistas” / “narodniks” pode se demonstrar enganoso por algumas razões. Primeiro, acerca do uso do termo marxistas russos para denominar um dos grupos do debate do qual trataremos, apesar de que os chamados marxistas russos se denominarem como tal deriva do fato de que esses russos baseavam sua posição revolucionária na leitura que fizeram da obra marxiana, alegando que sua posição era a de Marx, como será melhor exposto, isso não é um equívoco. Em verdade, a posição postulada pelos chamados marxistas russos em nada se parece com a posição do próprio Marx, como o próprio autor faz questão de ressaltar para Vera Zasulich, quando escreve que “os “marxistas” russos de que falais me são desconhecidos” (MARX, 2013, p. 85), utilizando-se de aspas irônicas ao se referir aos russos que Zasulich trata como marxistas. Assim como Marx um dia disse a Paul Lafargue sobre o chamado marxismo da França, aplica-se aqui também que, se esses russos era os marxistas, Marx provavelmente teria reiterado que “Ce qu'il y a de certain c'est que moi, je ne suis pas Marxiste” (MARX, 2010g, p. 356). [O que há de certo é que eu não sou marxista] (tradução livre)

Em segundo lugar, sobre os narodniks ou populistas, o termo se demonstra enganoso na medida que se refere a um grupo que abrangia desde revolucionários, liberais reformistas a grupos de extrema direita, sendo os narodniks aos quais Zasulich se refere em sua carta são aqueles da vertente revolucionária, por assim dizer. Nessa eiva, não podemos nos confundir populistas como Piotr Lavrov e Nikolai Tchernishevski — ambos pelos quais Marx possuía grande respeito, sendo inclusive Lavrov amigo pessoal de Marx e Tchernichevski enormemente admirado pelo próprio Lenin — estes que, conforme explica Theodor Shanin, eram os populistas que se colocavam na extrema direita do que se denominava narodniks na época (SHANIN,

¹⁷ A questão que tocamos aqui é de enorme complexidade e a mencionamos aqui simplesmente para deixar clara nossa posição no debate aqui colocado, embora não nos seja possível explorar de forma pormenorizada a razão pela qual discordamos de Löwy e Shanin quanto à existência de uma ruptura no Marx tardio em relação aos textos de antes da década de 1880. Tal trabalho demanda uma análise que não cabe no espaço do qual aqui dispomos, mas para uma introdução no debate, cf. SAYER & CORRIGAN, In. SHANIN, 2017

1983, p. 8).¹⁸

No começo da década de 1880, quando uma já exilada Vera Zaslitch escreve a Karl Marx, dois grupos revolucionários russos – de um lado, os autoproclamados marxistas russos, dentre os quais, em certa medida, incluíam-se Plekhanov e a própria Zaslitch¹⁹, militantes da Partilha Negra (cf. SHANIN, 1983); de outro, os narodniks, conhecidos também como populistas (HOBSBAWM, 1977, p. 255)²⁰ – travavam uma acirrada disputa acerca da questão agrária russa, de quais seriam os rumos de sua propriedade comunal agrícola e, conseqüentemente, de qual deveria ser a estratégia para uma revolução na Rússia²¹. Os narodniks (ou populistas) defendiam a possibilidade de “uma comuna camponesa revolucionada [...] constituir a base de uma transformação socialista direta da Rússia, poupando o país dos horrores do desenvolvimento capitalista” (HOBSBAWM, 1988, p. 256), ao passo que “os marxistas russos acreditavam que isso não era mais possível, porque a comuna já estava se dividindo em dois grupos mutuamente hostis, burguesia e proletariado rurais” (HOBSBAWM, 1988, p. 256).

Em meio a esse debate — no qual *O Capital* de Marx desempenhava papel central —, a jovem revolucionária buscava as palavras do autor alemão na forma de uma carta que pudesse ser traduzida e publicada na Rússia, a fim de solucionar uma questão que ela afirma ser de “vida ou morte, sobretudo para o nosso partido socialista [a Partilha Negra]” (ZASULICH In. MARX & ENGELS, 2013, p. 66), bem como que do posicionamento de Marx nesse debate dependeria “até mesmo o nosso destino pessoal como socialistas revolucionários” (ZASULICH In. MARX & ENGELS, 2013, p. 66). Dessa forma, é com extrema urgência que Zaslitch escreveu a Marx, pedindo-lhe que expusesse suas “ideias sobre o possível destino de nossa [da] comuna rural e sobre a teoria da necessidade histórica de que todos os países do mundo passem por todas as fases da produção capitalista” (ZASULICH In. MARX & ENGELS, 2013, p. 66).

¹⁸ Sobre essas distinções, cf. Tvardovskaia, *El populismo ruso*, 1978

¹⁹ Como SILJAK (2013) aponta, é no mínimo curiosa a interessante contradição entre o conteúdo da resposta que Marx envia à carta de Zaslitch e a posição que Zaslitch e seus companheiros da Partilha Negra defendiam na década de 1890, aproximando-os aos chamados marxistas russos e, ironicamente, do pensamento do próprio Karl Marx

²⁰ Sobre a crítica de Lenin sobre os narodniks, Cf. em Lenin, *Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, 1982. Sobre essa polêmica, cf. também Hobsbawm, *A Era do Capital*, 1977; cf. também Coggiola, *Realidade e lenda do bolchevismo*, 2017

²¹ Conforme vemos em WADA (2017, pp. 107-108), o contexto exato desse debate é também objeto de discussões. Sobre isso, cf. WADA In. Shanin, 2017

Assim, Vera Zasulich propõe a Marx em sua carta uma questão de alta complexidade, tratando-se de um marcado dilema para os revolucionários na Rússia naquele momento: a revolução na Rússia dependeria da dissolução da terra comunal? O que deveriam fazer os russos que desejavam a regeneração social na Rússia?

Na carta a Marx, Vera Zasulich afirma haver apenas duas interpretações acerca da comuna que permeavam os debates russos na época. A primeira, defendida pelos narodniks, em linhas gerais tinha que a comuna agrária russa deveria ser a base para a regeneração social russa, dado que já se tratava de uma forma de produção baseada na posse comum da terra. Nesse sentido, os revolucionários na Rússia deveriam focar na libertação da comuna agrária e da transição para o comunismo a partir dela.

A comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos donos das terras e da administração arbitrária, é capaz de se desenvolver pela via socialista, quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas. Nesse caso, o socialista revolucionário deve envidar todos os seus esforços em prol da libertação da comuna e de seu desenvolvimento. (ZASULICH, 2013, p. 52)

De acordo com os partidários dessa posição, a revolução na Rússia deveria se voltar contra os inimigos da comuna agrária – o Estado russo – para libertá-la das amarras que a impediam de se desenvolver, o que possibilitaria à obchtchina russa (comuna agrária) tornar-se a base da transição da Rússia para um modo de produção socialista — sua “regeneração social” (MARX, 2013, p. 94). Em outras palavras, os narodniks entendiam que a transição para o modo de produção socialista era possível na Rússia sob as bases da obchtchina russa e, com isso, sem que fosse forçoso que a Rússia passasse pelo regime de produção capitalista e seus “*fourches caudines*” (MARX, 2013, p. 94), isto é, que antes da revolução precisasse desenvolver sua produção de forma capitalista. Ou seja, tratava-se justamente da defesa do socialismo em um país de desenvolvimento não clássico, rejeitando a ideia de que o socialismo só era possível onde já se tinha um modo de produção capitalista classicamente consolidado. Contestava-se a tese segundo a qual: (i) o passado da Europa Ocidental revelaria o futuro da Rússia, de maneira que os processos de expropriação das terras comunais e das pequenas propriedades pelos quais os países europeus passaram — isto é, os processos de que Marx trata no Capítulo XXIV de O Capital, na assim chamada acumulação primitiva — ocorreria inevitavelmente na Rússia; (ii) uma revolução socialista só seria possível em um país que, com a Inglaterra, já tivesse um modo de produção capitalista consolidado, pois se trataria de uma etapa necessária antes do

socialismo (ou seja, o capitalismo em si seria necessário, e não o desenvolvimento de forças produtivas que ele enseja).

No outro polo da controvérsia acerca do papel da obchtchina na regeneração social da Rússia estavam os autoproclamados “marxistas” russos, cuja tese se opunha frontalmente a dos narodniks nessa questão. Segundo “marxistas russos”, a obchtchina estava fadada ao fracasso, restando apenas como um resíduo de uma forma produtiva fadada à superação capitalista. Chegaram a essa conclusão a partir do exemplo histórico da acumulação primitiva na Inglaterra, conforme trazido por Marx n’ *O Capital*.

Defendiam que a comuna agrária “é uma forma arcaica, condenada à morte, como se fosse a coisa mais indiscutível, pela história, pelo socialismo científico” (ZASULICH, 2013, p. 66), argumentando que, embora em *O Capital* a Rússia não seja o objeto de análise de Marx, o autor certamente o teria dito. A partir da via inglesa de desenvolvimento capitalista, arguíam que as terras comunais na Rússia, tal qual ocorreu com as *commons* inglesas, seriam fatalmente desintegradas e os camponeses russos, necessariamente, proletarizados. Marx nos explica muito bem a argumentação desses chamados marxistas em sua carta à redação da revista *Otechestvenye Zapiski [Notas Patrióticas]*, colocando em linhas diretas o que se segue:

se a Rússia tende a tornar-se uma nação capitalista a exemplo das nações da Europa ocidental – e durante os últimos anos ela se esforçou muito nesse sentido –, não será bem-sucedida sem ter transformado, de antemão, uma boa parte de seus camponeses em proletários; e, depois disso, uma vez levada ao âmago do regime capitalista, terá de suportar suas leis impiedosas como os demais povos profanos. (MARX, 2013, p. 45)

Percebe-se, pois, que segundo essa explicação, o desenvolvimento do capitalismo na Rússia seria um desenrolar necessário da história, bem como que, para que se desenvolvesse um modo de produção ali, a Rússia inevitavelmente haveria de percorrer uma via necessariamente análoga à que engendrou o modo de produção capitalista na Europa ocidental, não obstante as diferenças históricas que separam os dois contextos. Assim, a Rússia vivenciaria os mesmos processos violentos de expropriação dos produtores dos meios e condições de produção e de criação leis sanguinárias que submetem os trabalhadores ao novo modo de produção, de forma semelhante ao processo da assim chamada acumulação originária pelo qual — em maior ou menor medida — passaram os países da Europa Ocidental. E, conseqüentemente, a comuna agrária seria desintegrada, tal como ocorreu no resto da Europa Ocidental, de modo que uma revolução na Rússia que partisse da comuna

jamais poderia levar ao socialismo, uma vez que a comuna deveria ser sucedida pelo capitalismo e este pelo socialismo, tal como fases necessárias. Com isso

ao socialista como tal não resta outra coisa senão dedicar-se a cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos a terra do camponês russo passará de suas mãos para as da burguesia, em quantas centenas de anos, talvez, o capitalismo atingirá na Rússia um desenvolvimento comparável ao da Europa ocidental. Eles deverão, portanto, fazer a propaganda apenas entre os trabalhadores das cidades, que por sua vez serão continuamente inundadas pela massa de camponeses, a ser lançada em seus paralelepípedos em busca de salário, como consequência da dissolução da comuna. (ZASULICH, 2013, p. 66)

É importante aqui um breve adendo sobre a assim chamada acumulação originária. No Capítulo XXIV de O Capital, que trata da assim chamada acumulação primitiva/originária, Marx descreve como nos capítulos anteriores

vimos como o dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzido mais valor e do mais-valor se obtém mais capital. Porém, a acumulação do capital pressupõe o mais valor, o mais valor, a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, gerar num círculo vicioso do qual só podemos escapar supondo uma acumulação primitiva (originária), prévia a capitalista, uma acumulação que não é o resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida.” (MARX, 2017, p. 785).

Assim, Marx começa a exposição explicitando como o dinheiro historicamente foi transformado em capital, sendo que o capital pressupõe o mais valor e este, por óbvio, pressupõe a produção capitalista. Contudo, como a produção capitalista só pode se colocar sobre seus próprios pés na medida que existem grandes massas de capital e força de trabalho para ser comprada, chega-se nesse ponto em uma explicação cíclica, na medida que a acumulação de capital pressupõe a produção capitalista, a qual, por sua vez, pressupõe a acumulação de capital. Adam Smith resolve esse círculo pressupondo uma acumulação prévia à acumulação capitalista, a qual possibilitou o modo de produção de se instaurar e, então, iniciar-se a acumulação capitalista.

Como Marx aponta, a acumulação originária desempenha um papel de certo cunho religioso desempenhado pela acumulação primitiva na economia política, na medida que, assim como o pecado original teológico explica como o homem foi condenado a comer o pão molhado com o suor de seu rosto, o pecado original da economia política nos mostra como pode haver gente hoje que não possui nenhuma necessidade disso, de trabalhar para sobreviver, contando que, no passado, uns

trabalhavam e foram inteligentes para guardar, ao passo que outros gastavam tudo. Essa elite laboriosa e prudente acumulou riquezas, poupou o produto de seu trabalho, e os últimos, por sua insensatez e imprudência, foram obrigados a vender sua própria pele para sobreviver — esse foi seu pecado original, que explica a razão pela qual hoje trabalha para sobreviver. E é daí que vem a necessidade ainda existente da venda da força de trabalho para um e a “riqueza dos poucos, que continua crescente, embora há muito tenha deixado de trabalhar” (MARX, 2017, p. 786).

Porém, na história real, como Marx nos mostra no Capítulo XXIV, o papel principal nessa parábola econômica não é da virtude de uns e do vício de outros, mas sim da conquista, subjugação, assassinato, em suma, da violência. Portanto, se para a economia política direito e trabalho foram fontes de enriquecimento, na história real a violência teve esse papel. Isto é, nesse capítulo, o autor visa pôr por terra a justificativa ética do capitalismo, de que o que explica porque uns têm que trabalhar para sobreviver enquanto alguns poucos não têm essa necessidade não é que uns pouparam e outros não, mas sim o roubo e a violência, da apropriação privada do trabalho alheio. Isto é, o autor no Capítulo XXIV da obra visa desafiar a ideia de que “numa época muito remota, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo pernicioso e por outro vadios que gastavam tudo” - uma explicação que, além de diversos outros equívocos que serão explorados mais a frente, situa a origem das classes burguesa e proletária na esfera de circulação, colocando aqueles como os que, com parcimônia e prudência, apropriaram-se da riqueza universal (poupando-a), ao passo que estes usufruíram da riqueza real ao invés de poupá-la, razão pela qual têm que trabalhar para sobreviver. O objetivo de Marx com esse Capítulo é provar que, em verdade, o capitalismo não é engendrado pela acumulação primitiva, isto é, pelo fato de que, num passado distante, alguns se apropriaram da riqueza universal enquanto outros usufruíam da riqueza real, ou seja, que uns pouparam enquanto outros gastavam, mas sim da expropriação, da separação do produtor direto dos meios e condições de produção.

Prossigamos na exposição.

Os “marxistas” russos, portanto, acreditavam que, antes e para que ocorresse uma revolução socialista na Rússia, era preciso, em primeiro lugar, que a comuna fosse destruída e os camponeses fossem transformados em proletariado, segundo o modelo da Europa ocidental. Sem que isso ocorresse, a regeneração social russa não seria

possível. Desse modo, os esforços dos revolucionários russos estariam desperdiçados se fossem voltados para a preservação da comuna russa, uma vez que, segundo esse ponto de vista, estaria fadada à desintegração. Seu principal argumento para sustentar sua posição: “Foi Marx quem disse isso” (ZASULICH, 2013, p. 66)

Diante do exposto, poderíamos colocar a questão sobre a qual Vera Zasluch propõe que Marx se pronuncie nos seguintes termos: era possível que, na Rússia do final do século XIX – uma economia predominantemente rural –, fosse levada a cabo uma revolução? Ou a comuna agrária russa estava fadada à desintegração e a revolução deveria, necessariamente, partir do proletariado urbano? Fosse essa a resposta, seria necessário um maior amadurecimento da indústria russa e de seu proletariado, de forma que na época em que Zasluch escrevia a Marx a revolução comunista não era ainda viável²².

Sobre a relevância das cartas

Em 1917, um mês após a tomada do Palácio de Inverno de Nikolai II pelos bolcheviques, um jovem Antônio Gramsci escreveu um curto artigo para a Revista *Avante!* comentando sobre a Revolução na Rússia, texto intitulado *A Revolução contra O Capital*. Nesse artigo, Gramsci afirma que a Revolução na Rússia era

a revolução contra *O Capital* de Karl Marx. *O Capital* de Marx era, na Rússia, mais o livro dos burgueses que dos proletários. Era a demonstração crítica da necessidade inevitável que na Rússia se formasse uma burguesia, se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse sequer pensar na sua insurreição, nas suas reivindicações de classe, na sua revolução. Os factos ultrapassaram as ideologias. Os factos rebentaram os esquemas críticos de acordo com os quais a

²² Sobre as circunstâncias nas quais as cartas foram encontradas, sabe-se que Marx escreveu sua resposta definitiva à Vera em 8 de março de 1881, desculpando-se pela brevidade da carta, bem como pela sua relativa demora na escrita, pois havia se agravado uma doença nervosa que o acometia há mais de 10 anos. Curiosamente, embora Vera tenha pedido a Marx que fizesse uma resposta que pudesse ser traduzida para o russo e publicada para seus compatriotas, a promessa de publicação não foi cumprida por Zasluch e seus companheiros. A carta caiu na obscuridade até 1911, quando David Riazanov cuidava de uma série de escritos de Marx que estavam sob cuidado do genro do autor renano, Paul Lafargue. Em meio aos vários textos que estavam com Lafargue, Riazanov encontrou várias cartas em formato de oitava, escritas com sua letra manuscrita, bem pequena. Elas eram cheias de supressões e continham várias inserções e adendos, também muito riscadas” (RIAZANOV In. SHANIN, 2017, p. 181). Após uma classificação inicial, Riazanov percebeu que tinha em suas mãos vários rascunhos de respostas à carta enviada por Vera Zasluch, de 16 de fevereiro de 1881. Lembrou-se ainda de ter ouvido falar de uma quase mítica correspondência entre Vera Zasluch e Karl Marx, mas nunca havia visto as cartas em si. Curioso sobre essa correspondência, Riazanov escreveu a Gueorgui Plekhanov, indagando sobre a resposta de Marx, mas Plekhanov disse que Marx nunca havia respondido à carta de Vera. Após escrever à própria Vera, também perguntando sobre a carta de Marx, Riazanov recebeu a mesma negativa: não havia recebido resposta alguma a sua carta a Marx.

história da Rússia devia desenrolar-se segundo os cânones do materialismo histórico. Os bolcheviques renegam Karl Marx quando afirmam, com o testemunho da ação concreta, das conquistas alcançadas, que os cânones do materialismo histórico não são tão férreos como se poderia pensar e se pensou. (GRAMSCI, 1976, p.21)

Gramsci afirma, portanto, que a Revolução Bolchevique de 1917 renegava Karl Marx e *O Capital*, na medida que a obra do autor traria “cânones do materialismo” segundo os quais a Rússia estaria ainda demasiadamente imatura para a ser palco de uma revolução comunista em virtude de sua economia agrária e pelo fato de não possuir uma classe burguesa. O autor afirma que *O Capital* significaria para a Rússia que, antes de uma revolução nos moldes marxianos, era necessário que a Rússia desenvolvesse uma estrutura produtiva semelhante à dos países da Europa Ocidental, de modo que a Revolução de 1917, ao não seguir os supostos “cânones do materialismo histórico” (GRAMSCI, 1976, p. 21), seria a rejeição por parte dos revolucionários do caminho que Marx teria proposto n’ *O Capital*.

A Revolução de 1917 teria significado para Gramsci, portanto, a rejeição à doutrina de Marx de que a história humana segue etapas necessárias, de modo que seria possível a revolução comunista em um lugar tal como a Inglaterra, onde se tinha um capitalismo maduro e uma burguesia estabelecida. Assim, os bolcheviques, ao tentarem fazer uma revolução comunista na Rússia, atuavam no sentido contrário ao de Marx e aos “cânones do materialismo” (GRAMSCI, 1976, p. 21) histórico, pois o país não havia passado pelo processo histórico de desenvolvimento do modo de produção capitalista como o da Europa Ocidental. Gramsci afirma: “Eles não são marxistas, é tudo; não retiraram das obras do Mestre uma doutrina exterior feita de afirmações dogmáticas e indiscutíveis” (GRAMSCI, 1976, p. 22), ou seja, rejeitavam a ideia de que a Rússia não poderia ser palco de uma revolução, o que, para Gramsci em 1917, era uma rejeição a Marx.

Embora muito menos sofisticado do que o texto de Gramsci, podemos ver uma interpretação semelhante nos escritos de Joseph Stálin, com destaque a *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, de 1938. No ensaio em questão, Stálin utiliza-se da obra de Marx para defender a existência de um modelo teórico dos momentos da história humana, os quais se sucederiam de forma inevitável o comunismo primitivo, a antiguidade escravista, o feudalismo, o capitalismo e o

socialismo (STALIN, 1938)²³. Em verdade, ao longo do século XX uma leitura etapista de Marx tornou-se bastante comum, sendo muitos os autores que liam na obra marxiana um esquema da história humana. Conforme essa leitura etapista, poder-se-ia identificar na obra do autor - com destaque para *O Capital* - uma teoria acerca do curso imposto aos povos pela História de forma inevitável.

Com base no uso por parte de Marx do desenvolvimento capitalista inglês como pano de fundo para a análise da produção capitalista, fez-se do “esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental” (MARX, 2013, p. 45) “uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontram” (MARX, 2013, p. 45). Dessa forma, utilizando o desenvolvimento do capitalismo na Europa ocidental – principalmente na Inglaterra²⁴ – como uma “chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra histórica” (MARX, 2013, p. 46), cria-se uma fórmula geral a ser seguida necessariamente, a despeito das condições materiais e históricas de dada lugar.

O etapismo do marxismo do século XX — sendo etapismo a interpretação da teoria marxiana como uma leitura teleológica da história, despreocupada com a análise concreta e desatenta às especificidades de cada povo e momento histórico —, subsiste ainda hoje, embora em graus mais atenuados. Por exemplo, a italiana Silvia Federici critica Marx por considerar que o autor renano vê no modo de produção capitalista uma necessidade histórica, interpretação que denota tons de etapismo. Como afirma a autora, “embora Marx fosse profundamente consciente do caráter criminoso do desenvolvimento capitalista [...], não cabe dúvida de que considerava isso como um passo necessário no processo de libertação humana” (FEDERICI, 2017, p. 27) [grifo meu]. Federici considera que quando Marx trata dos avanços produtivos trazidos pelo capitalismo, ele vê o modo de produção capitalista como um passo necessário na evolução humana, isto é, a autora identifica em Marx uma leitura teleológica da história.

Principalmente com relação aos estudos sobre colonialismo e os escritos que Marx sobre o assunto, a ideia de que Marx era um etapista histórico, bem como um determinista e evolucionista também se fazem fortes. A ideia de que para o autor

²³ “A história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo” (STALIN, 1938)

²⁴ Cf. Marx, 1996a, p.130

existem leis econômicas inexoráveis que regem a vida humana de forma homogênea, fazendo da história humana um caminho linear, em que todos os povos passam por momentos necessários de desenvolvimento. Por exemplo, KATZ (1990) afirma que Marx, embora reconhecesse a brutalidade do colonialismo, assinalava à exploração das metrópoles um papel historicamente necessário, bem como que o capitalismo nas colônias teria um papel progressista. Em sentido semelhante, HOBBSAWM (2011) argumenta que a sugestão de eurocentrismo

surge na obra de Marx em sua crença de que as sociedades europeias se autogeram por meio de uma via de desenvolvimento linear endogenamente determinada, conforme suas características excepcionais, de modo que o ‘Milagre Europeu’ foi previsto ou preordenado ou foi, simplesmente, o destino manifesto da Europa (HOBBSAWM, 2011, p. 155)

Embora esses autores consigam encontrar em certos textos de Marx elementos que podem ser usados para corroborar essa visão de que o autor era um etapista histórico, uma leitura mais atenta e completa da obra marxiana torna mais difícil esse intento, sobretudo diante dos textos aos quais o presente trabalho se dedica. Conforme é evidente nos textos sobre a Rússia, há uma profunda rejeição da parte de Marx à ideia de uma leitura teleológica da história, sendo evidente no autor uma clara preocupação em assinalar o caráter historicamente específico da via inglesa de desenvolvimento²⁵, sendo que o processo da assim chamada acumulação originária aparece de formas diferentes em cada local e momento histórico.

Ademais, nas obras do chamado Marx tardio²⁶, encontramos de forma ainda mais evidente elementos que nos permite colocar em dúvida a acusação de que o autor era um etapista histórico. Por exemplo, nos chamados *Cadernos Etnológicos* — estudos de Karl Marx sobre as obras de autores como Lewis Morgan, James Money, John Phear, Henry Maine e John Lubbock — o autor trata de temas como a pré-história, o desenvolvimento dos vínculos familiares (com interessantes notas sobre a historicidade

²⁵ A qual aparece de forma proeminente em *O Capital*, na medida que era na Inglaterra onde o capitalismo aparecia em sua via clássica, permitindo a percepção das leis imanentes da produção capitalista de forma mais evidente do que em outras formações sociais, conforme já aludido anteriormente.

²⁶ “Marx tardio” é como Teodor Shanin se refere ao Marx da década de 1872-1882, de modo a sugerir uma descontinuidade entre a obra do Marx desse período e do Marx de antes da década de 1870, pois naquela haveria uma suposta ruptura com o evolucionismo e unilinearidade que teriam marcado a obra de Marx desde as décadas de 1840 a 1860 (cf. SHANIN, 2017). A ideia de que há uma ruptura interna na obra de Marx, entre sua juventude e sua maturidade também aparece em autores como Louis Althusser e Michel Löwy, embora com cada qual com certas particularidades. Conforme já apontado, não coadunamos com essa cisão.

da família patriarcal burguesa), a origem da propriedade privada, bem como a questão das mulheres na história e o colonialismo²⁷. Especificamente sobre a civilização burguesa e a tendência evolucionista de autores da época de coroar a sociedade europeia como o ápice do desenvolvimento humano, Marx rejeita fortemente tal ideia, reforçando sua convicção de que a luta consciente da classe trabalhadora superaria essa sociabilidade por uma melhor. Marx também rejeita acidamente o uso de termos de forte conotação racista pelos autores que lia, além de rejeitar suas teorias apologéticas ao colonialismo. Além dos *Cadernos*, os estudos do velho Marx sobre a situação russa trazem importantes contribuições para o debate sobre o suposto etapismo histórico do autor, com destaque para a correspondência de Marx com a revolucionária russa Vera Zasulich, objeto desse trabalho.

Reflexões sobre o futuro da comuna agrária e o destino dos povos: a(s) resposta(s) de Marx

Para responder a complexa questão de Vera Zasulich, Marx escreveu quatro esboços antes de enviar sua resposta final em 8 de março de 1881 — três longos esboços, contendo explicações extensas sobre a questão e um quarto não terminado²⁸. A partir do primeiro, segundo e terceiro esboços que Marx escreveu para responder Zasulich, nos propomos a compreender se, para Marx, seria ou não possível uma revolução comunista que não partisse de uma economia industrial capitalista, isto é, se uma Rússia rural estava ‘pronta’ ou não para passar por uma revolução.²⁹ Ressalte-se que ao colocar tais questionamentos não nos dedicamos a um exercício de divinação, tentando adivinhar uma resposta correta para questão tão controversa do passado. Não se trata então de elaborar “e se’s”, mas de analisar a posição marxiana acerca da possibilidade de uma revolução comunista em países com desenvolvimentos

²⁷ sobre a questão dos chamados Cadernos Etnológicos de Marx, cf. ÁLVARES, Lucas Parreira. Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan. Orientador: Vitor Bartoletti Sartori. Dissertação (Mestrado) – Direito e Justiça, Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019

²⁸ Acerca da ordem cronológica em que foram escritos os quatro esboços, WADA (In. SHANIN, 2017, p. 108) adere à suposição de Hinada Shizuma de que Marx escreveu os esboços I, II, III e IV não nessa ordem, como organizou Riazanov na publicação original, mas sim na seguinte ordem: II, I e III. Shizuma, como explica Haruki Wada, supõe que a ordem teria sido essa mencionada e não a ordem feita por Riazanov na medida que o conceito da “comuna agrária” só aparece no meio do esboço I e aparece em todo o esboço III, ao passo que estaria ausente no esboço II. Além disso, o esboço I parece mais desenvolvido do que o esboço II, sugerindo que aquele teria sido escrito depois desse.

²⁹ Sobre isso, vale a pena conferir o Prefácio que Marx e Engels escreveram para a Edição Russa do Manifesto Comunista. Cf. Marx, 2013, p. 81, do qual trataremos mais a frente

econômicos distintos do inglês a partir do que o autor escreveu acerca dos possíveis caminhos de uma revolução na Rússia.

O ponto principal é que caso a posição de Marx fosse realmente a que é creditada a ele pelos “marxistas” russos, a resposta que se deveria esperar era que a segunda alternativa trazida por Zaslitch era a correta, de modo que mais próximos de Marx estariam os “marxistas” russos. Marx haveria então que responder sobre o destino maldito da obchtchina, a qual estaria fadada a perecer tal qual havia ocorrido na Inglaterra e que os revolucionários russos deveriam direcionar seus esforços ao amadurecimento do proletariado urbano, dado que seria dali que partiria a revolução na Rússia. A Rússia rural fatalmente seria suplantada por uma Rússia urbana industrial, tal como se observou em outros países da Europa Ocidental. Seria, pois, um desperdício de esforços e energia por parte dos revolucionários buscar uma revolução que partisse do seio da comuna, dado que o desenvolvimento histórico-material de Europa Ocidental nos mostrava que esta estava fadada a sucumbir perante o motor da história, destinada a ser suplantada por uma economia industrial.

Essa não foi, contudo, a resposta de Marx aos questionamentos de Vera Zaslitch. Marx não só considerava possível que essa revolução partisse da propriedade comunal, mas considerava que essa era a melhor alternativa. A Rússia não precisava destruir a comuna agrária: ela era “a alavanca da regeneração social da Rússia” (Marx, 2013, p. 74) – e, por isso, poderia atuar complementarmente à revolução no Ocidente. Portanto, para a regeneração social russa, não era a comuna que deveria perecer para abrir caminho para a revolução, mas “as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e, então, assegurar-lhe as condições de um desenvolvimento natural” (Marx, 2013, p. 74).

Aqui se faz necessário um breve parêntesis. Quando Marx trata da revolução na Rússia como “regeneração social”, é importante notar que o autor não faz nem um elogio unilateral ao progresso, nem à forma primitiva comunal. Como bem adverte Sartori (2017),

Marx não valorizava a “comuna russa” por esta se colocar em uma forma de “comunidade” (Gemeinschaft) em oposição à “civilização” ou à sociedade (Gesellschaft): não há nenhum “romantismo revolucionário” (cf. LÖWY; SAYRE, 1995) no autor; também neste ponto, sua análise nada tem de romântica; o aspecto coletivo da “comuna rural” se evidenciava no momento em que, enquanto “maior força produtiva da Rússia”, esta tinha “a superioridade econômica da propriedade comunal, como base do trabalho cooperativo e

combinado” (MARX, 1985a, p. 132) frente à atomização da produção. Marx fazia justamente o contrário de uma idealização romântica da “comuna russa” e não era porque não aceitava a solução dos “novos pilares da sociedade” – a imposição brutal do capitalismo – que se voltava para o passado (SARTORI, 2017, pp. 146-147)

Não se trata, pois, de um retorno ao passado da comuna, tanto porque se fala em apropriar os desenvolvimentos das forças produtivas do Ocidente. Tampouco se fala também em um progresso que destrói tudo e nada deixa para trás, afinal o autor claramente trata a questão como uma de regenerar a comuna agrária russa, de preservar seus elementos progressivos e de desenvolvê-la.³⁰

Marx afirma, então, que a revolução na Rússia não dependia da transição de uma economia rural, baseada na propriedade comunal da terra, para uma industrial burguesa, baseada na propriedade privada nas mãos de poucos e na exploração do trabalho assalariado. Tampouco dependia do desenvolvimento de uma burguesia urbana, mas sim da derrubada do czarismo na Rússia, que pressionava a comuna e a impedia de se desenvolver³¹. Ou seja, seria necessário que a Revolução se posicionasse contra o czarismo e aristocracia russa. Tratava-se, portanto, de eliminar “a opressão por parte do Estado e a exploração pelos intrusos capitalistas que se tornaram poderosos, à custa dos camponeses, com a ajuda do próprio Estado” (MARX, 2013, p. 62), bem como o elemento de propriedade privada que existe na *obschina*, na medida

que hoje a própria existência da comuna russa corre perigo advindo de uma conspiração de interesses poderosos; esmagada pelas exações diretas do Estado, explorada fraudulentamente pelos intrusos “capitalistas”, mercadores etc., e pelos “proprietários” de terras, ela, ainda por cima, enfrenta o mercado minado pelos usurários da cidade, pelos conflitos de interesses provocados em seu próprio seio pela situação em que ela foi colocada. (MARX, 2013, p. 83)

Importante ressaltar que não se trata, contudo, de uma defesa de um socialismo agrário sob as bases da comuna tal como ela existia na Rússia naquele momento, mas da possibilidade de — uma vez eliminadas as amarras que ameaçavam a existência da *obschina* e a impediam de se desenvolver — serem apropriadas as riquezas que o capitalismo no Ocidente produz sem ser necessário passar pelo regime capitalismo —

³⁰ Não é possível desenvolver de forma pormenorizada o debate sobre o suposto romantismo de Marx na presente ocasião. Sobre isso, cf. SARTORI, 2018 e SARTORI, 2019.

³¹ A apropriação das riquezas do Ocidente estaria envolvida nesse processo de desenvolvimento da comuna agrária – sua transformação em comuna para uma forma de produção comunista. Cf. MARX, 2013, p. 68

algo que só era possível graças ao desenvolvimento das forças produtivas nos países da Europa ocidental a partir do modo de produção capitalista, para que então se desenvolvesse a comuna agrária. A revolução na Rússia deveria, portanto, primeiro voltar-se contra o despotismo dos czares, uma vez que se tratava do principal inimigo da comuna russa³². Marx coloca nos seguintes termos:

Falando em termos teóricos, a comuna rural russa pode, portanto, conservar-se, desenvolvendo sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada, igualmente implicado nela; ela pode tornar-se um ponto de partida direto do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna, ela pode trocar de pele sem precisar se suicidar; ela pode se apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista, regime que, considerado exclusivamente do ponto de vista de sua duração possível, conta muito pouco na vida da sociedade. (MARX, 2013, p. 78)

Marx fala aqui de como a Rússia não precisava atravessar os estágios do desenvolvimento dos modos de produção pelos quais os países da Europa ocidental passaram antes de realizar uma revolução que visasse a implantação do socialismo, justamente porque o lhe eram acessíveis naquele momento os frutos com que a produção capitalista havia enriquecido a humanidade, quais sejam: um desenvolvimento de forças produtivas sem precedentes na história humana³³. Ou seja, devia-se às suas circunstâncias históricas extremamente específicas, que permitiram que a comuna agrária houvesse sobrevivido por toda a Rússia e que fosse contemporânea à produção capitalista. Assim, o único argumento histórico em favor de sua dissolução perde seu fundamento, na medida que, diferentemente de outras

³² Como ressalta Hobsbawm, desde a Guerra da Crimeia, o czar tentava impulsionar a “modernização” da Rússia. Para isso, a comuna agrária deveria ser substituída pela agricultura parcelar – em outras palavras: a propriedade comunal do campo deveria ser substituída pela privada. (HOBSBAWM, A Era dos Impérios, 1988)

³³ Ao atribuir um papel ao modo de produção capitalista na luta pela emancipação humana, Marx sustenta não que a emancipação humana existe dentro do capitalismo, mas sim que provoca o amadurecimento dos “elementos criadores de uma nova sociedade” (MARX, 2017, p. 571) ao amadurecer “as condições materiais e a combinação social do processo de produção” (MARX, 2017, p. 571). Um dos elementos centrais dessa questão está no papel que o capital tem em criar “tempo disponível” na medida que reduz o tempo de trabalho necessário (MARX, 2011, p. 506), o que, para Marx é imprescindível para a emancipação do trabalho (MARX, 2011, p. 585). Dessa forma, conforme assinalado por Marcello Musto em O Velho Marx, Marx via “alguns elementos potencialmente progressistas” (MUSTO, 2018, p. 65) no capital, sendo importante, todavia, ressaltarmos a dimensão potencial desses elementos, eis que ainda não efetivados no modo de produção capitalista. Ou seja, de fato, Marx vê no capitalismo a gênese dos elementos para uma sociabilidade superior, mas esses elementos aparecem de forma potencial e que tal “síntese superior” (MARX, 2013, p.) só é atingida “por meio da luta consciente da classe trabalhadora” (MUSTO, 2018, p. 37), rejeitando o autor qualquer ideia de uma evolução mecânica. Todavia, esse “levantamento” de forma alguma obstrui a compreensão em Marx do preço cobrado em carne humana por tal amadurecimento das forças produtivas no capitalismo.

formas comunais de propriedade da terra, a *obschina* encontrava-se em circunstâncias únicas.

A Rússia poderia, pois, partir para um modo de produção desenvolvido, baseado na posse comum dos meios de produção, a partir da comuna agrária – teria, inclusive, maior facilidade do que os demais países europeus, nesse sentido, pela vitalidade com a qual a comuna havia sobrevivido. A comuna russa não precisaria ser destruída e a Rússia não precisaria passar pelo regime capitalista para poder passar para o socialismo, graças ao fato de a comuna ter sobrevivido tempo suficiente para ser contemporânea ao capitalismo no resto da Europa – um capitalismo que havia chegado próximo de seu ponto de ruptura.

Do ponto de vista histórico, o único argumento sério a favor da dissolução fatal da comuna de camponeses russos é este: quando muito, se encontra em toda parte na Europa ocidental um tipo mais ou menos arcaico de propriedade comum; ela desapareceu totalmente com o progresso social. Por que ela escaparia a esse mesmo destino tão somente na Rússia? Respondo: porque na Rússia, graças a uma combinação de circunstâncias únicas, a comuna rural, ainda estabelecida em escala nacional, pode se livrar gradualmente de suas características primitivas e se desenvolver diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional. É justamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que ela pode se apropriar de todas as conquistas positivas e isto sem passar por suas vicissitudes desagradáveis. A Rússia não vive isolada do mundo moderno, tampouco foi vítima de algum conquistador estrangeiro, como o foram as Índias Orientais. (MARX, 2013, p. 74)

Mas como seria possível que uma economia agrária como a russa passasse “diretamente” para uma transição entre capitalismo e comunismo, sendo que ela não havia passado por um desenvolvimento capitalista industrial propriamente dito? Ora, como foi mencionado, a Rússia não se encontrava congelada em uma placa de âmbar, isolada do resto da Europa. Ela não só era contemporânea às transformações trazidas pelo modo de desenvolvimento capitalista europeu ocidental, mas também interagiu com o resto da Europa, como parte de um mercado mundial. Ela era, portanto, permeável às mudanças ocorridas na Europa ocidental e ao capitalismo (MARX, 2013, p. 59). Por um acaso, ela já não desfrutava de linhas ferroviárias, de um sistema bancário, de sociedades de crédito e das máquinas a vapor? Isto é

para explorar as máquinas, os barcos a vapor, as ferrovias, a Rússia foi forçada, a exemplo do Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica? Que eles me expliquem de novo como fizeram para introduzir entre eles num piscar de olhos todo o mecanismo de trocas (bancos, sociedades de crédito etc.), cuja produção custou séculos ao Ocidente? (MARX, 2013, 74)

A comuna poderia, portanto, se desenvolver apropriando-se das conquistas positivas do capitalismo, sem precisar a Rússia se tornar capitalista. Não sendo ela isolada do resto da Europa capitalista, era possível que se aproveitasse das transformações positivas trazidas pelo modo de produção capitalista — como o já aludido desenvolvimento sem precedentes das forças de produção —, sem precisar se submeter às suas leis exploratórias e aos sofrimentos que ele impõe (MARX, 2013, p. 59) ou seja, poderia “trocar de pele sem se suicidar” (MARX, 2013, p. 74). Assim, o modo de produção russo baseado nas terras comunais poderia ser desenvolvido e se tornar a base de um modo de produção coletivo e social — e para isso o elemento da propriedade privada que se desenvolvia deveria ser extirpado —, livrando-se das características arcaicas que ainda possuía e chegando a uma forma mais desenvolvida da comuna.

Caso a Rússia fosse, de fato, totalmente vedada às mudanças e transformações que ocorreram desde a dissolução das terras comunais europeias ocidentais – com a consequente consolidação de uma economia capitalista após a Revolução Industrial – , poderíamos até admitir a afirmação de que antes de uma transição do capitalismo para o comunismo por meio de uma revolução a Rússia deveria vivenciar o desenvolvimento capitalista em si. Nesse caso, uma revolução que partisse da comuna provavelmente seria inviável — teríamos não uma comunidade de riquezas, mas sim a comunidade da miséria, afinal, a comuna agrária certamente não era marcada pelo mais elevado desenvolvimento dos meios de produção ou pelo uso das técnicas mais avançadas no solo. Mas isso não se deveria a uma suposta necessidade das fases em si, de um curso inexorável da história humana, mas decorreria das transformações históricas e materiais que elas produzem e que foram essenciais no desenvolvimento do capitalismo, bem como das contradições internas que são a origem de sua própria destruição.

O que se fazem essenciais para Marx para uma eventual sociedade comunista são as forças produtivas gestadas pelo capitalismo — as quais, tendo em vista a tendência do capitalismo enquanto modo de produção de se colocar mundialmente, eram acessíveis aos países com vias de desenvolvimento atípico como a Rússia —, mas não o da formação social capitalista em si — esta de forma alguma é uma fase necessária da história humana, mas um fruto da atividade humana ao longo da história. Importante ressaltar como tal ideia de instrumentalidade entre períodos, considerando o passado apenas como um passo necessário para chegarmos a um futuro

determinado — isto é, ver no desenvolvimento do modo de produção capitalista apenas um ingrediente para o futuro comunista — já era criticada pelo autor desde a *Ideologia Alemã*, em que coloca o que se segue:

A história nada mais é do que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais³⁴ e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; portanto, por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições, o que então pode ser especulativamente distorcido, ao converter-se a história posterior na finalidade da anterior, por exemplo, quando se atribui à descoberta da América a finalidade de facilitar a irrupção da Revolução Francesa, com o que a história ganha finalidades à parte e torna-se uma “pessoa ao lado de outras pessoas” (tais como: “Autoconsciência, Crítica, Único” etc.), enquanto o que se designa com as palavras “destinação”, “finalidade”, “núcleo”, “ideia” da história anterior não é nada além de uma abstração da história posterior, uma abstração da influência ativa que a história anterior exerce sobre a posterior. (MARX, 2007, p. 40)

Isso quer dizer que, embora a história seja fruto da sucessão de gerações, em que o trabalho da geração anterior é transmitido para a sua sucessora e que seus frutos modificam e são modificados pelo trabalho da geração seguinte, disso não se pode extrair que esses momentos se sucedem necessariamente e que encontram um no outro sua finalidade. Como bem adverte LUKÁCS (2009), se por um lado o trabalho humano é movido por pores teleológicos, “o processo global da sociedade é um processo causal, que possui suas próprias leis, mas não é jamais dirigido objetivamente para a realização de finalidade” (LUKÁCS, 2009, p. 236), de maneira que, embora seja possível encontrar certas tendências nesse processo causal, este não é guiado por uma finalidade que o conduz a um fim específico, mas sim por relações causais postas em movimento pela atividade consciente dos homens.

Assim, ainda que Marx postule que o comunismo (e a emancipação humana) sucederia historicamente o capitalismo, isso não significa que é o capitalismo o caminho para o comunismo ou que o comunismo seja o resultado natural do capitalismo. Simplesmente quer dizer que o modo de produção capitalista nos fornece as condições materiais que possibilitam o comunismo, no sentido colocado acima, de que as sociabilidades que se sucedem exploram as condições materiais das que lhe antecederam. Afirmar que a o regime de produção capitalista observado nos países da

³⁴ É importante notar que aqui a noção de “capitais” não é a mesma que Marx emprega posteriormente. Aqui “capitais” parece referir-se a uma coisa, e não a uma relação, ao passo que em *O Capital*, “capital” significa um conjunto de relações sociais e históricas

Europa Ocidental é o único caminho para o comunismo ou que é a formação necessária para que seja possível uma revolução que reivindique o comunismo é falacioso, sobretudo imputar tal leitura a Marx, que não só a todo momento frisa a influência das sociabilidades anteriores ao mesmo tempo que ressalta o absurdo que seria considerar o presente a finalidade do futuro, mas também é bastante claro quanto à possibilidade de apropriação pela Rússia das riquezas propiciadas pelo modo de produção capitalista sem que seja necessário passar pelas vicissitudes associadas a uma sociedade capitalista.

É verdade que entre o nascimento da produção capitalista e a dissolução das terras comunais na Europa ocidental há um grande lapso temporal, mas isso não se deve a uma necessidade do lapso temporal em si ou da consolidação de uma formação social semelhante à europeia na Rússia em si. Em outras palavras: a Rússia não precisava passar por todas essas transformações pelas quais a Europa ocidental passou, por conta própria, ao longo de uma longa série de evoluções, uma vez que as conquistas econômicas que consolidaram o capitalismo são a ela acessíveis sem que precisasse passar por todos aqueles processos e evoluções que produziram tais transformações nos demais países europeus. “Ela [estava] [...] em condições de desenvolver e transformar a forma ainda arcaica de sua comuna rural em vez de destruí-la” (MARX, 2013, p. 62), podendo “se apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista” (MARX, 2013, p. 62).

Se os adeptos russos do sistema capitalista negam a possibilidade teórica de tal evolução, eu lhes proporia a seguinte questão: para explorar as máquinas, os barcos a vapor, as ferrovias, a Rússia foi forçada, a exemplo do Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica? Que eles me expliquem de novo como fizeram para introduzir entre eles num piscar de olhos todo o mecanismo de trocas (bancos, sociedades de crédito etc.), cuja produção custou séculos ao Ocidente? (MARX, 2013, p. 59)

A Rússia encontrava-se em uma situação deveras particular – a produção comunal era contemporânea de um sistema capitalista que chegava ao ponto de ruptura –, de modo que a revolução na Rússia deveria se aproveitar dessa curiosa circunstância, apropriando-se das riquezas que o amadurecimento dos meios de produção capitalistas permitiu, sem ser necessário passar por todos os processos infernais que conduziram até esse ponto. Marx observa a situação bastante particular da Rússia, na qual ela poderia passar diretamente de um sistema rural para a transição ao

comunismo, sem que fossem necessários todos os estágios do desenvolvimento capitalista observados na Inglaterra. Tratava-se de uma situação única, na qual poderia utilizar-se da própria comuna rural para instalar um modo de produção baseado na posse comum da terra – e isso poderia ser feito partindo do seio da própria comuna, dado que seu esteio é justamente a terra comunal.

Ademais, como Marx alerta, “o capítulo sobre a acumulação primitiva visa exclusivamente traçar a rota pela qual, na Europa ocidental, a ordem econômica capitalista saiu das entranhas da ordem econômica feudal.” (MARX, 2013, p. 44), de modo que daí não se pode extrair um modelo trans-histórico do curso do desenvolvimento dos povos. Isso porque a história de formação do modo de produção capitalista “assume coloridos diferentes nos diferentes países e percorre as várias fases em sequência diversa e em diferentes épocas históricas. Apenas na Inglaterra, que, por isso, tomamos como exemplo, mostra-se em sua forma clássica” (MARX, 1996, p. 342).

Por essa razão que Marx deixa claro que quando alerta seus leitores alemães no prefácio à primeira edição de *O Capital* de que “de ti fala a fábula!” (MARX, 1996, p. 130), que “o modo de produção capitalista e as suas relações correspondentes de produção e de circulação observados na Inglaterra” (MARX, 1996, p. 130) configuram a imagem do futuro de países industrialmente menos desenvolvidos, ele não quer dizer que o modo como se chegou a essa conformação na Inglaterra será repetido – os processos, os movimentos e transformações que levaram a esse específico –, tampouco que esse arranjo é o futuro de todos os povos.

Não só isso, mas como. Marx deixa bem claro que a Inglaterra nos fornece uma imagem (aproximada) do futuro de países da Europa Ocidental, uma vez que eles possuem um desenvolvimento similar ao inglês, mas não para todos os povos. Além disso, não seria possível que o desenvolvimento histórico do capitalismo inglês fosse repetido para todos os povos, afinal a forma como se deu esse processo é produto das condições históricas e materiais específicas da Inglaterra. A história de um povo não pode se repetir em tempos distinto para povos distintos. Isso quer dizer que a maneira como se deu o processo de acumulação originária na Inglaterra é impossível de ser replicada, naqueles moldes, na Rússia³⁵. Ao analisar o desenvolvimento

³⁵ Uma vez que o mundo sensível é “o produto da indústria e do estado de coisas da sociedade, e isso precisamente no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, que, cada uma delas sobre os ombros da precedente, desenvolveram sua indústria e seu

capitalista da Europa ocidental, Marx não visa chegar a uma “teoria histórico-filosófica de como o desenvolvimento histórico de todos os povos inevitavelmente seria” (MARX, 2013, p. 45).

A criação de tal modelo inevitável seria impossível, dado que cada lugar vivencia um desenvolvimento distinto, de tal forma que cada formação social possui suas especificidades. Não se poderia esperar que o desenvolvimento histórico russo passasse por todas as fases do desenvolvimento histórico inglês, porque Inglaterra e Rússia possuíam condições materiais e histórica extremamente distintas. Não há como o desenvolvimento do capitalismo na Rússia se dar do mesmo modo como o desenvolvimento do capitalismo que Marx analisa n’ *O Capital*, uma vez que Marx toma como base o desenvolvimento do capitalismo inglês, sendo essa formação social particular às condições histórico-materiais específicas observadas na Inglaterra. O mesmo vale para a França, a Alemanha, os Estados Unidos – cada um deles observa um desenvolvimento capitalista particular as suas condições materiais e históricas, de modo que não podemos esperar que as fases do desenvolvimento capitalista tratadas por Marx n’ *O Capital* sejam observadas de forma literal e exata nesses lugares. Podemos dizer: esperar que o desenvolvimento capitalista em dois lugares distintos se desse da mesma forma seria tão absurdo como que esperar que duas pessoas pintassem uma figura da mesma forma, sendo que a elas foram fornecidos tipos diferentes de tintas, papeis e pincéis.

Uma diferença específica que Marx ressalta entre as formas pré-capitalistas da Europa Ocidental e a propriedade comunal da Rússia torna isso bastante claro. Marx explica que quando trata da “fatalidade histórica” (MARX, 2013, p. 84), ele fez questão de restringir aos “países da Europa ocidental” (MARX, 2013, p. 84). Isso por uma razão fundamental: a forma de propriedade da terra da qual Marx trata no Capítulo XXIV e que é suplantada não é a mesma que a existente na Rússia ao final do século XIX. Esta era uma forma de propriedade comunal, não privada, ao passo que aquela era uma forma de propriedade privada da terra, mas ao invés de pertencer a não trabalhadores (como na produção capitalista), era pertencente aos produtores diretos. Ou seja, tratam-se de formas de propriedade da terra essencialmente distintas.

Nesse sentido, o processo da assim chamada acumulação originária consiste na

comércio e modificaram sua ordem social de acordo com as necessidades alteradas.” (MARX, 2007, p. 30)

substituição “de uma forma da propriedade privada e particionada dos trabalhadores pela propriedade capitalista de uma ínfima minoria (p. 342), ou seja, levou à substituição de um tipo de propriedade por outro” (MARX, 2013, p. 85), de modo que não podemos esperar que na Rússia se passasse o mesmo que ocorreu na Inglaterra nos séculos XIV-XVI, afinal, “como isso poderia se aplicar à Rússia ou à terra que não é e jamais foi “propriedade privada” do agricultor?” (MARX, 2013, p. 85). Assim, quando fala sobre a “separação radical entre o produtor e seus meios de produção” (MARX, 2013, p. 85) como algo que se repete fatalmente nos países europeus³⁶, Marx explicita que se referia aos países europeus ocidentais, sendo que na Inglaterra foi o único deles em que esse movimento se deu “de um modo radical”³⁷. Ele continua:

E por quê? Verificai, por favor, o capítulo 32, no qual se lê: [O] movimento de eliminação que transforma os meios de produção individuais e esparsos em meios de produção socialmente concentrados e que, por conseguinte, converte a propriedade nanica de muitos em propriedade gigantesca de poucos, essa expropriação dolorosa e terrível do povo trabalhador, aí estão as origens, aí está a gênese do capital. [...] A propriedade privada, fundada no trabalho pessoal [...] é suplantada pela propriedade privada capitalista, fundada na exploração do trabalho de outrem, sobre o trabalho assalariado. (MARX, 2013, p. 58)

Isso demonstra, portanto, que o curso da história na Europa Ocidental não serve para prever o futuro da Rússia e, caso os liberais russos fossem bem sucedidos em dissolver a terra comunal e expropriar os camponeses, isso não ocorreria pois no Ocidente se deu assim, mas sim graças às circunstâncias particulares do caso russo.

Nesse sentido, Marx deixa bem claro a razão pela qual o movimento de expropriação agrária, observado na Inglaterra e em outros países – embora, se comparados com aquela, em bem menor grau nestes –, não pode ser tido como um processo que será observado em todos os povos. A acumulação primitiva tratada por Marx n’ *O Capital*³⁸ é uma “fatalidade histórica” (MARX, 2013, p. 58) restrita “aos países da Europa Ocidental” (MARX, 2013, p. 58), de modo que não poderíamos afirmar, com segurança, que tal movimento se repetiria na Rússia, justamente em função das

³⁶ Ressalte-se ainda que ele não trata isso como uma previsão do futuro, dado que esse processo já havia se dado ou já havia pelo menos se iniciado em maior ou menor medida nos países da Europa Ocidental. Trata-se, portanto, de um palpite razoável, não uma previsão, na medida que observava uma tendência já existente.

³⁷ Marx deixa bem claras suas razões pela escolha da Inglaterra n’ *O Capital*. Podemos encontrar essas razões no Prefácio da primeira edição (cf. MARX, 1996a, p. 130) e uma breve referência a elas no capítulo sobre a [assim chamada] Acumulação Originária (cf. MARX, 1996b, p. 330).

³⁸ Cf. MARX, 1996, p. 339-381

particularidades que a tornavam tão distinta dos outros países europeus.

O movimento de expropriação da propriedade do produtor rural e a concentração dos meios de produção nas mãos de uma minoria se dá, portanto, no sentido de suplantação de uma propriedade privada “fundada no trabalho pessoal” (MARX, 2013, p. 58) – em pequenas propriedades rurais que se baseiam na pequena agricultura de subsistência e no trabalho familiar, sem haver, portanto, o emprego de mão de obra assalariada – pela grande “propriedade privada capitalista, fundada na exploração do trabalho de outrem” (MARX, 2013, p. 58) – isto é, nos grandes latifúndios, baseados numa produção de cunho capitalista e emprego de mão de obra assalariada. É a substituição de uma produção agrícola baseada em pequenas propriedades para uma capitalista e latifundiária, havendo a proletarização dos pequenos agricultores. Marx prossegue:

Assim, em última análise, ocorre a transformação de uma forma de propriedade privada em outra forma de propriedade privada. A terra nas mãos dos camponeses russos jamais foi a sua propriedade privada; então, como se aplicaria esse desenvolvimento? (MARX, 2013, p. 58)

O processo de acumulação primitiva que ele descreve n' *O Capital* é, pois, baseado na expropriação das pequenas propriedades [privadas] rurais e no acúmulo de terras por uma minoria. Trata-se, portanto, da substituição de pequenas propriedades privadas familiares por grandes latifúndios que exploram a mão de obra assalariada. Os pequenos agricultores abandonam suas terras e são obrigados, então, a vender sua força de trabalho para sobreviver.

Com isso, nos indagamos: como esse movimento ocorreria dessa forma se o camponês russo nunca foi proprietário das terras que ele cultivava? O camponês, na Rússia, deixou de ser servo em uma terra que não lhe pertence para cultivar em propriedades que são de posse comum – a terra comunal que lhe é atribuída não lhe pertence³⁹. Assim, não é possível que o mesmo movimento observado na Europa ocidental seja observado na Rússia, uma vez que o campo russo não era baseado em pequenas propriedades privadas, mas na terra comunal — seu modelo produtivo era distinto do que é suplantado na Europa Ocidental na assim chamada acumulação originária.

³⁹ Sobre a questão da comuna russa, arrendamento e propriedade, Cf. Lenin, A desintegração do campesinato russo, 1982, p. 35-121

A forma como a gênese e o desenvolvimento da produção capitalista ocorreu na Europa Ocidental não poderia ser esperada igualmente na Rússia, justamente porque a forma como as forças produtivas e as condições materiais se arranjam são completamente distintas. Não se poderia esperar que a mesma forma pela qual se deu a gênese do capitalismo na Inglaterra se repetisse na Rússia e nem que o resultado do desenvolvimento das forças produtivas fosse o mesmo para os dois países, uma vez que as forças que estão em jogo não são as mesmas. Não há como haver “a separação radical entre o produtor e seus meios de produção” (MARX, 1996, p.340) se os meios de produção nunca pertenceram ao produtor russo; os camponeses russos não poderiam ser expropriados quando a propriedade da terra jamais foi sua de forma individual.

Tendo isso em vista, cai por terra o argumento utilizado por autores como Antônio Gramsci em 1917 para afirmar que a Revolução bolchevique seria contra *O Capital*, que na Rússia seria

mais o livro dos burgueses que dos proletários. Era a demonstração crítica da necessidade inevitável que na Rússia se formasse uma burguesia, se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse sequer pensar na sua insurreição, nas suas reivindicações de classe, na sua revolução (GRAMSCI, 1976, p. 21)

Isso porque, como vemos nos esboços de Marx, o autor renano de forma alguma defender que a Rússia não estaria ainda pronta para uma revolução que tivesse como fim a transição para o comunismo, dado que ela própria não possuía um modo de produção capitalista como o que é analisado por Marx em sua obra. Pelo contrário, Marx critica abertamente os que postulavam que a Rússia deveria antes passar por todas aquelas transformações que aconteceram ao longo de vários séculos em países como a Inglaterra e que desenvolveram “de forma maravilhosa as forças produtivas da sociedade, mas, de outro lado, trouxeram consigo sua própria incompatibilidade com as forças que elas engendram” (MARX, 2013, p. 62) – em outros termos, a completa desintegração da comuna russa, a consolidação de uma burguesia industrial e de um proletariado urbano, às semelhanças de sistemas capitalistas como o inglês.

Se Marx fosse realmente de acordo com essa posição a ele atribuída, teria concordado com os “marxistas russos”, os quais acreditavam que concentrar seus esforços na comuna russa seria desperdício. Teria também aconselhado Vera Zasulitch e seus companheiros a concentrarem seus esforços nas cidades, dado que a comuna

agrária estaria fadada a padecer e os camponeses russos se tornariam, com o tempo, parte de um proletariado urbano industrial. Mas, como podemos ver nos esboços de respostas à carta enviada por Zaslitch, Marx não estava preocupado em determinar um modelo de desenvolvimento inevitável – pelo contrário, ele se preocupou muito mais em criticar esses modelos. A Rússia não precisava perder sua comuna agrária para poder tornar-se comunista — Marx defende o oposto: com a dissolução da comuna agrária “para suportar todas as vicissitudes fatais do regime capitalista” (MARX, 2013, p. 54) que a Rússia perderia a melhor oportunidade já oferecida a um povo para sua regeneração social.

Marx rejeita a interpretação de que apenas em países cuja via de desenvolvimento fosse a observada na Europa ocidental — que ele usa como substrato para suas análises n’ *O Capital* — seria possível uma transição para o comunismo. Ele analisa a Inglaterra por seu desenvolvimento capitalista permitir uma análise clara acerca do modo de produção capitalista, não porque aquela é a única forma possível de arranjo das forças de produção ou porque a Inglaterra necessariamente seria o berço da revolução proletária.⁴⁰ Jamais se poderia apoiar em Marx e afirmar que a comuna russa iria inevitavelmente ser desintegrada e o camponês russo proletarizado porque foi a forma como aconteceu na Inglaterra e na Europa Ocidental. Como Marx escreve em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, “não é no passado, mas unicamente no futuro, que a revolução social do século XIX pode colher sua poesia” (MARX, 2011b, p. 28), ou seja, os caminhos da revolução na Rússia não podem ser retirados do passado [da Europa].

Com efeito, isso não quer dizer que estamos impossibilitados de fazer analogias entre dois lugares ou dois períodos históricos distintos – trata-se de um exercício comum de ser feito. Por exemplo, ao longo de *O Capital*, o autor faz recorrentes menções ao destino dos plebeus na Roma Antiga quando da expropriação de suas pequenas parcelas de terra no decurso da história romana, de forma semelhante ao que ocorreu com os camponeses ingleses entre os séculos XVI e XVII. Assim como os ingleses, os plebeus “eram originalmente camponeses livres que cultivavam, cada qual pela própria conta, suas referidas parcelas. No decurso da história romana, acabaram

⁴⁰ “A expropriação da base fundiária do produtor rural, do camponês, forma a base de todo o processo. Sua história assume coloridos diferentes nos diferentes países e percorre as várias fases em sequência diversa e em diferentes épocas históricas. Apenas na Inglaterra, que, por isso, tomamos como exemplo, mostra-se em sua forma clássica.” (MARX, 1996, p. 342)

expropriados” (MARX, 2013, p. 56), surgindo também “de um lado homens livres, desprovidos de tudo menos de sua força de trabalho, e do outro, para explorar o trabalho daqueles, os detentores de todas as riquezas adquiridas” (MARX, 2013, p. 56).

Todavia, uma vez expropriados, não só os plebeus não se tornaram trabalhadores assalariados tal como se deu com os camponeses expropriados da Europa nos séculos XVI e XVII, mas também a produção romana não se desenvolveu de forma capitalista. Os romanos expropriados se tornaram uma “mob [turba] desocupada [...] e ao lado deles se desenvolve um modo de produção que não é capitalista, mas escravagista” (MARX, 2013, p. 56). Assim, embora tenham sido acontecimentos de uma surpreendente analogia, o fato de terem se passado em ambientes historicamente distintos, produziram resultados igualmente diferentes. Como Marx escreve, “quando se estuda cada uma dessas evoluções à parte, comparando-as em seguida, pode-se encontrar facilmente a chave desse fenômeno” (MARX, 2013, p. 56), mas dessa análise comparativa de forma alguma se chegará a uma “chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra histórica”. (MARX, 2013, p. 57).

Ou seja, podemos até comparar o desenvolvimento histórico russo com o inglês e encontrar certas determinações em comum entre as duas formas, mas sempre de forma cautelosa e com consciência das diferenças específicas que as separam. Isso está claro nos *Grundrisse*, quando Marx trata acerca da questão da produção geral. Ele escreve que

A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse Universal, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. [Certas] determinações serão comuns à época mais moderna e à mais antiga. Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento. **As determinações que valem para a produção em geral têm de ser corretamente isoladas de maneira que, além da unidade – decorrente do fato de que o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza, são os mesmos –, não seja esquecida a diferença essencial. Em tal esquecimento repousa, por exemplo, toda a sabedoria dos economistas modernos que demonstram a eternidade e a harmonia das relações sociais existentes.** (MARX, 2011a, p. 36)

[grifo meu]

Ou seja, é possível que sejam abstraídas determinações que existem em comum na produção humana de forma geral, que constituirão o que Marx se refere como a produção geral ou o comum isolado por comparação, tratada por Marx como uma abstração razoável. Isto é, o que faz da produção geral uma abstração razoável é o fato de que não se trata de algo “produzido por um volteio autônomo da mesma [abstração], pois seu mérito é operar subsumida à comparação dos objetos que investiga”, mas sim uma abstração ação que “retém e destaca aspectos reais, comuns às formas temporais de entificação dos complexos fenomênicos considerados” (CHASIN, 2005, p. 124), ou seja, trata-se de um geral “extraído das formações concretas, posto à luz pela força de abstração” (CHASIN, 2005, p. 124). Ademais, Marx faz questão de ressaltar que, embora a partir dessas determinações comuns exista uma unidade, um universal, essa produção geral possui diversas determinações distintas que a cindem, existindo aspectos dessa unidade que não são comuns a todos os momentos da história humana, uma vez que “os traços comuns não são substâncias puras, mas texturas complexas” (CHASIN, 2005, p. 125) — nisso também reside a razoabilidade dessa abstração: a compreensão de que, assim como as realidades são complexas, as abstrações de seus elementos comuns também o são.

De forma semelhante ao que ocorre com a linguagem, em que existem certos aspectos que são comuns a línguas das mais desenvolvidas e complexas às mais simples, existem aspectos que podem ser comuns a formas das mais às menos desenvolvidas da produção humana, sendo que que o que constitui o desenvolvimento das formas mais complexas a diferença essencial do universal e comum. Isso faz com que que, embora abstração de elementos comuns às diferentes formas de produção seja razoável e útil, não podemos a partir disso tentar chegar a uma chave geral para o desenvolvimento humano, uma vez que é marcado por particularidades e circunstâncias específicas que nos impossibilitam de fazê-lo, de tal maneira que um esforço como tal perde toda sua razoabilidade. Isso na medida que “ignorar a diferença essencial é perder de vista os objetos reais e com isso o horizonte do pensamento de rigor, tal como os economistas que naturalizam e perenizam a sociedade capitalista, pondo de lado exatamente o que nela é específico” (CHASIN, 2005, p. 125).

Não existe em *O Capital* o modelo do desenvolvimento humano, isto é, uma prescrição “para o cardápio da taverna do futuro” (MARX, 2017, p. 88). Primeiramente, a obra em questão sequer se propõe a ser um estudo historiográfico da Inglaterra:

embora no Capítulo XXIV os acontecimentos da história inglesa sejam usados, ali Marx busca analisar as tendências da assim chamada acumulação primitiva e dos processos que engendraram o capitalismo. Em segundo lugar, utilizar-se dessas tendências da Europa Ocidental para prever a história russa acaba por

metamorfosear totalmente o [...] esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem, para acabar chegando à formação econômica que assegura, com o maior impulso possível das forças produtivas do trabalho social, o desenvolvimento mais integral possível de cada produtor individual. (MARX, 2013, p. 45)

Tentar criar um modelo geral de como a história de todos os povos irá correr vai muito além das pretensões de Marx. Ele afirma com ironia que se sentia tão honrado como ofendido pela suposição. Honrado, talvez, por suporem que ele fosse capaz de prever como o desenvolvimento histórico ocorreria independente das condições fáticas e particularidades de cada povo, de efetivamente prever “o cardápio da taberna do futuro” (MARX, 2017, p. 88) – nem mesmo Marx seria capaz de tal exercício. Ofendido, provavelmente, pelo fato de interpretarem seus esforços de forma tão absurda, julgando que o velho mouro havia intentado um esforço de uma arrogância e presunção sem precedentes (MARX 2013, p. 45).

O prefácio ao Manifesto Comunista

Parte das discussões relacionadas à correspondência entre Marx e Zasulich aparecem no prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista*, escrita por Marx e Engels⁴¹ em janeiro de 1882. Nesse prefácio, os autores trazem uma breve reflexão de como estavam diferentes as circunstâncias nos Estados Unidos e na Rússia — que não aparecem no *Manifesto Comunista* — na época em que o *Manifesto* foi escrito

⁴¹ É importante ressaltar que existem discussões quanto a autoria desse prefácio. Alguns autores como Haruki Wada creditam a escrita do texto a Engels, sugerindo que Marx teria pedido ao amigo que rascunhasse um prefácio para a edição russa de *O Manifesto Comunista* e que teria apenas feito correções mínimas e assinado, de forma que o prefácio expressaria a opinião de Engels e não a de Marx sobre a questão russa. O objetivo deste trabalho não é adentrar na questão de forma pormenorizada na discussão, mas consideramos que, caso realmente não tenha sido um texto de autoria conjunta de Marx e Engels, o fato de Marx ter lido e assinado o texto é um forte indício de sua concordância com o que teria sido escrito por Engels. O argumento de Wada de que Marx não teria ficado satisfeito com o rascunho escrito por seu amigo não parece possuir muitos indícios textuais que o sustente, pois a uma carta de Marx a Lavrov que Wada usa para comprovar sua tese — na qual Marx escreve sobre o prefácio “Se esta peça, que é para tradução para russo, for para ser publicada como está, em alemão, ainda precisa de toques de estilo” (MARX apud. WADA In. Shanin, 2017, p. 116) — não permite concluir que Marx não estava de acordo com o conteúdo do texto, apenas que acreditava serem necessários ajustes estilísticos para publicação. Sobre isso, cf. WADA In. Shanin, 2017.

(final da década de 1840) e na década de 1880.

Sobre a Rússia na década de 1840, Marx e Engels escrevem que “naquela época [em 1848], a Rússia se constituía na última grande reserva da reação europeia” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102), constituindo-se (junto aos EUA à época embora cada um por razões distintas), pilares da ordem europeia vigente, sendo que “durante a revolução de 1848-1849, a burguesia e os monarcas europeus viam na intervenção russa a única maneira de escapar do proletariado que despertava. O czar foi proclamado chefe da reação europeia” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102). Marx e Engels fazem aqui referência ao fato de que, como já aludido anteriormente, enquanto na Europa Ocidental fogos revolucionários acendiam o proletariado, a Rússia e o czar pareciam a única salvação da burguesia, tendo a Rússia sido o bastião do conservadorismo à época.

Contudo, em 1882, o contexto russo era completamente distinto. Se em 1848-49, o czar Nicolau I aparecia para a burguesia como o chefe da reação europeia contra as revoltas proletárias, em 1882, o czar Alexandre III — sucessor de Alexandre II, morto por revolucionários do grupo Vontade do Povo em 1º de março de 1881 (SILJAK, 2013, p. 336) — era prisioneiro de seu próprio medo: enclausurado em no palácio Gatchina, temendo ser alvo da revolta do povo. Em 1882, o czar era “em Gatchina, prisioneiro de guerra da revolução, ao passo que a Rússia forma a vanguarda da ação revolucionária na Europa” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102).

As circunstâncias haviam mudado radicalmente desde 1848-49 e 1882: a Rússia não mais era a prima conservadora da Europa, a salvação da burguesia europeia: ela mantinha o czar (outrora símbolo do poder reacionário da Rússia) refém de seu medo — medo da revolução — e era um dos países com uma das atuações revolucionárias mais proeminentes da Europa, sendo que a própria Vera Zasulich, após ter cometido um atentado de assassinato contra prefeito de São Petesburgo, Feodor Trepov em 1878, havia se tornado por toda a Europa um símbolo do movimento revolucionário russo do final do século XIX⁴².

⁴² Vê-se aqui mais um indício da tese defendida anteriormente de que, ao contrário do que autores como Teodor Shanin e Michel Löwy sustentam acerca do caso russo na teoria marxiana, de que se trataria de uma ruptura com relação aos trabalhos anteriores a 1880, as mudanças que vemos entre os escritos de Marx sobre a Rússia em 1840 e 1880 devem-se muito mais a desenvolvimentos do contexto russo e de um amadurecimento gradual e crescente no pensamento do autor do que uma mudança abrupta. No livro de Shanin, o artigo de Derek Sayer e Philip Corrigan (cf. SAYER & CORRIGAN In.

Por demais, no prefácio Marx e Engels ainda tocam a questão da comuna agrária na Rússia. Escrevem os autores que “o *Manifesto Comunista* tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102), mas que na Rússia, “vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é posse coletiva dos camponeses” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102), ressaltando a particularidade do caso russo, em que a comuna agrária permanecia uma das maiores forças produtivas na Rússia — ou seja, ali a moderna propriedade burguesa não havia se colocado sobre os próprios pés, sendo a forma comunal a forma de propriedade de metade das terras na Rússia —, de maneira que não haveria como o caminho da revolução russa poderia ser o mesmo do da Europa Ocidental.

Diante dessas circunstâncias extremamente peculiares, Marx e Engels — aludindo diretamente ao dilema do narodniks e marxistas russos discutido na carta — a questão na Rússia se colocava nos seguintes termos: “poderia a obchtchina russa – forma já muito deteriorada da antiga posse em comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista?” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102), como defendiam os populistas, “ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente?” (MARX & ENGELS, 2013, p. 102), tal como pontuavam os autoproclamados marxistas russos. Marx e Engels respondem a questão da seguinte maneira:

Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista. (MARX & ENGELS, 2013, p. 103)

Aqui, assim como Marx já havia feito na sua resposta à indagação de Zasulich, vemos Marx e Engels não só defender a possibilidade da regeneração social na Rússia partindo de sua base agrária comunal — mais uma vez rejeitando a visão etapista de que o desenvolvimento russo haveria de seguir a evolução ocorrida no Ocidente —, mas também defendendo que a revolução na Rússia poderia ser o sinal para a

SHANIN, 2017) traz uma visão muito mais nuanceada sobre a questão, apontando como o pressuposto de que Marx havia sido evolucionista e etapista até a década de 1880 é um equívoco, sustentando que, diferentemente do que postula Shanin, os textos do Marx tardio seriam mais uma clarificação de sua teoria do que uma ruptura.

revolução proletária no Ocidente, a qual deveria ser complementar à revolução na Rússia. Nessa eiva, esse texto reforça a posição expressa por Marx nas respostas à carta de Zaslulich, reiterando sua rejeição à uma filosofia da história.

Conclusão

A resposta final que Marx escreveu a Vera Zaslulich — datada de 8 de março de 1881 — foi bastante mais sucinta do que os esboços que o autor de *O Capital* havia elaborado (com exceção do quarto esboço, que parece inacabado), embora a essência seja a mesma. Embora de forma menos pungente (e talvez menos irônica do que nos esboços I, II e III), Marx escreve que

Nesse processo ocidental [da assim chamada acumulação originária], o que ocorre é a transformação de uma forma de propriedade privada para outra forma de propriedade privada. Já no caso dos camponeses russos, ao contrário, seria preciso transformar sua propriedade comunal [*propriété commune*] em propriedade privada. Desse modo, a análise apresentada n' *O capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca [*point d'appui*] da regeneração social da Rússia; mas, para que ela possa funcionar como tal, seria necessário, primeiramente, eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo. (MARX, 2013, p. 94)

Assim, apesar da brevidade, percebe-se que Marx não deixa de ressaltar para Vera Zaslulich que *O Capital* não apresenta respostas para o caso da comuna agrária na Rússia: somente o estudo do caso particular russo poderia permitir qualquer diagnóstico sobre a vitalidade da obschina. E mais, pelo que ele havia estudado da questão agrária na Rússia, a comuna deveria ser para os revolucionários russos a alavanca para a regeneração da Rússia (não um obstáculo), desde que as influências deletérias que a assaltavam de todos os lados fossem eliminadas, *i.e.*, o estado russo. Ele ressalta, portanto, que não era a fatalidade da história que ameaçava a comuna agrária na Rússia: era a opressão do estado russo e o ingresso dos intrusos capitalistas (conduzido pelo próprio estado). Dessa forma, em sua resposta, Marx faz questão de apontar para Vera Zaslulich que o caminho da revolução na Rússia não era aquele defendido pelos autoproclamados marxistas russos, mas sim algo muito mais próximo defendido pelos populistas russos, na medida em que aqueles buscavam a solução da questão “o que fazer?” dentro da Rússia, na concretude objetiva de suas circunstâncias históricas, não em um esquema histórico que prescreve o destino dos povos

independente de suas particularidades.

Diante do exposto, percebe-se a relevância dos textos tratados acima — não por demonstrarem uma virada no pensamento marxiano, mas sim por deixarem extremamente clara a natureza da teoria de Karl Marx. Como bem colocam Derek Sayer e Philip Corrigan, o Marx tardio que vemos nos textos sobre a Rússia nos oferece “acima de tudo, uma reflexão consistente — a culminância de uma reflexão de toda uma vida de reflexão modelada por um profundo compromisso com as lutas políticas do momento” (SAYER & CORRIGAN, 2017, p. 139), bem como uma “clarificação de como seus textos “maduros” deveriam ser lidos” (SAYER & CORRIGAN, 2017, p. 123), pois nesses textos, vemos de forma bem desenvolvida e evidente a importância da questão das particularidades das diferentes formas de desenvolvimento humano na obra marxiana como um todo.

Não só isso: o estudo da questão russa em Marx nos permite ainda perceber como em nada se aproxima o Marx verdadeiro — o Marx que lemos naquilo que o próprio autor nos deixou escrito — daquilo que a II Internacional Comunista e a “vulgata stalinista”⁴³ (CHASIN, 2013, p. 37) fizeram dele. Como já aludido, o “marxismo” do século XX — com destaque para o “marxismo” do stalinismo — era marcado pela “negligência acerca da especificidade do desenvolvimento nacional de cada forma distinta mediante a qual o capitalismo se objetiva” (SARTORI, 2017, p. 127), na medida que utilizava-se de uma suposta filosofia marxiana da história que organizaria o desenvolvimento humano em etapas necessárias, a fim de criar uma espécie de modelo geral, uma “teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica”. Tendo isso em vista, perceber a óbvia e aguda rejeição de Marx à uma leitura linear e reducionista da história humana que vemos nos escritos sobre a Rússia não só nos permite evidenciar o quanto o marxismo do XX se afastou de Marx, mas também é um importante passo nos esforços de recuperar o pensamento do autor alemão em toda sua complexidade.

E, por fim, a preocupação de Marx no que concerne à Rússia de buscar um caminho para a revolução social a partir da própria Rússia — e não, como supunham seus seguidores russos, a partir da Europa Ocidental — e partindo de uma forma

⁴³ Importa ressaltar que, embora Gramsci tenha se equivocado em sua interpretação acerca da natureza da teoria marxiana no texto que aqui abordamos e que a leitura que o autor faz de Marx, de forma alguma colocamos o autor junto a essa “vulgata stalinista”.

primitiva de propriedade da terra nos oferece um importante arsenal crítico nas discussões sobre um suposto eurocentrismo e um evolucionismo em Marx. Se por um lado existem certas instâncias — por exemplo, no *Manifesto Comunista* ou em alguns textos do *New York Daily Tribune* da década de 1840 e do começo da década de 1850 sobre a Índia e a China, segundo ANDERSON (2010) — em que parece haver em Marx um certo tom elogioso ao papel do capitalismo na dissolução de formas produtivas arcaicas, com base nas quais alguns autores sustentam uma tese de que Marx via na formação social capitalista da Europa Ocidental uma fase necessária no desenvolvimento humano e que dava centralidade à forma europeia de entificação do capitalismo, o estudo do caso russo nos é bastante esclarecedor nessa discussão.

Conforme exposto neste trabalho, Marx propõe que, ao invés de um obstáculo para a revolução social na Rússia, a sobrevivência da comuna agrária seria para os russos uma enorme vantagem no caminho da regeneração social naquele país, pois permitiria a apropriação das riquezas produzidas pelo capitalismo sem ser necessária a consolidação desse modo de produção na Rússia — ou seja, seria possível apropriar do aumento das forças de produção engendrados pelo capitalismo sem que, como ocorreu na Europa Ocidental, a forma comunal de produção fosse dissolvida. Ele esclarece, portanto, que quando fala em *O Capital* das “tendências que atuam e se impõem com férrea necessidade” (MARX, 2017, p. 114), ele trata especificamente das leis naturais da produção capitalista, bem como que quando afirma que “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro” (MARX, 2017, p. 114), refere-se aos países da Europa Ocidental, nos quais as tendências de desenvolvimento capitalista são bastante semelhantes, não sendo possível extrapolar essas tendências específicas a países como a Rússia, que experimentam condições bastante distintas.

Dessa forma, percebe-se nos trabalhos aqui analisados a profunda rejeição por parte de Marx de leituras lineares e reducionistas acerca do desenvolvimento humano e das formações sociais, demonstrando o quão equivocado é ver na obra do autor uma teoria histórico-filosófica que busca ser um oráculo do destino dos povos

Referências bibliográficas

- ANTUNES, P. Marx, Engels e Lênine: as guerras civis Americana, Francesa e Russa. *Verinotio*, v. 23, n. 2, outubro de 2017. pp. 39-69.
- ANDERSON, K. *Marx at the Margins: on nationalism, ethnicity, and non-western societies*. Londres, Chicago: The University of Chicago Press, 2010

- CHASIN, J. *Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Boitempo. 2009
- _____. Excertos sobre revolução, individuação e emancipação humana. *Verinotio*, v. 23, n. 1, Abril de 2017. pp. 10-105.
- _____. *O integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978
- COGGIOLA, O. Realidade e lenda do bolchevismo. *Verinotio*, v. 23, n. 1, abril de 2017. pp. 183-216.
- FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante. 2007
- _____. *Mulheres e a Caça às Bruxas*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo. 2019.
- FONTES, Y. Revolução Russa e questão nacional em Mariátegui. *Verinotio*, v. 23, n. 1, Abril de 2017. pp. 106-125.
- GRAMSCI, A. A Revolução contra O Capital. In.: vários, *Revolución rusa y Unión Soviética*. Tradução: J. A. González. Barcelona: Editora R. Torres, 1976. pp. 21-26
- HOBBSAWM, E. *A Era do Capital*. Tradução: L. C. Neto. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1977.
- HOBBSAWM, E. *A Era dos Impérios*. Tradução: S. M. Campos, & Y. S. Toledo. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1988.
- LÊNIN, V. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- MACHADO, G. Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx . *Verinotio*, v. 23, n. 1, Abril de 2017, pp. 247-267.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Tradução: Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Calvino Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *O Manifesto Comunista*. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo. 2005
- _____. *Lutas de Classes na Rússia*. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo. 2013.
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Marx & Engels 1849*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 9, 2010a
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Marx & Engels 1851-53*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 11, 2010b
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Marx & Engels 1853-54*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 12, 2010c
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Marx & Engels 1856-58*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 15, 2010d
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Marx & Engels 1858-60*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 16, 2010e
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Letters 1856-59*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 40, 2010f
- _____. *Marx & Engels Collected Works: Letters 1880-83*. Londres: Lawrence & Wishart, v. 46, 2010g
- MARX, K. O Capital: *Livro I: O Processo de Produção do Capital*. Tradução: Regis Barbosa; Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, v. 1, 1996. (Os Economistas).
- _____. *Grundrisse*. Tradução: Mario Duayer; Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.

- _____. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- _____. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *Nova Gazeta Renana*. Tradução: Lívia Cotrim. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- _____. *O Capital. Livro I: O Processo de Produção do Capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017a.
- _____. *O Capital. Livro III: O Processo Global da Produção Capitalista*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017b.
- MUSETTI, F. *Marx e Engels sobre a particularidade das lutas de classes na Rússia*. *Verinotio*, v. 20, n.1, Outubro de 2015, pp. 216-219
- MUSTO, M. *O velho Marx*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo. 2018
- SARTORI, V. Marx diante da revolução social na Rússia do século XIX. *Verinotio*, v. 23, n. 1, Abril de 2017. pp. 126-153.
- _____. Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx — Parte I: O desenvolvimento de cada um e o de todos. *Revista Práxis Comunal*, v. 1, n. 1, Dezembro de 2018, pp. 32-70.
- _____. Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx — Parte II: revolução e indivíduos universalmente desenvolvidos. *Revista Práxis Comunal*, v. 1, n. 2, Janeiro de 2019, pp. 170-201.
- SILJAK, A. *O Anjo da Vingança*. Tradução: Dinah Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013
- SHANIN, T. (org). *Marx Tardio e a Via Russa*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017
- STALIN, J. *Sobre Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*. Rio de Janeiro: Editora Horizontes, 1945
- VEDDA, M. Ubi Lenin, ibi Jerusalem? Ernst Bloch sobre la Revolución de Octubre. *Verinotio*, v. 23, n. 2, outubro de 2017. pp. 9-21.

Como citar:

SOUZA, Gabriela M. Segantini. Marx e o cardápio da taberna do futuro: sobre os caminhos para uma revolução russa no século XIX. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 2, pp. 288-334, mar. 2023.